

Faculdade Canção Nova

Rafael Vitto

A Teologia do Povo:
Do Concílio Vaticano II até Juan Carlos Scannone e a Evangelii Gaudium

**Cachoeira Paulista
2024**

Faculdade Canção Nova

Rafael Vitto

A Teologia do Povo: Do Concílio Vaticano II até Juan Carlos Scannone e a Evangelii Gaudium

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia na Faculdade Canção Nova sob a orientação do Prof. Mr. Luis Gustavo Uchoa.

**Cachoeira Paulista
2024**

RESUMO

O foco do trabalho está na apresentação do que é a Teologia do Povo e no seu expoente principal, o Papa Francisco. Por isso, o texto inicia-se com uma base sobre teologia fundamental, depois desemboca em uma breve história da teologia para discutir os métodos teológicos e demonstrar teologias. Após essa introdução percorre-se os elementos básicos do Concílio Vaticano II e da teologia na América Latina, para então discorrer sobre a Teologia do Povo e seus fundamentos. Tendo Juan Carlos Scannone como autor central, nota-se a inculturação do evangelho, a primazia do pobre e a piedade popular como conceitos elementares. Por conseguinte, a figura do papa Francisco e seu magistério tornam a Teologia do Povo universal e são demonstradas em suas ações e condutas através dos sínodos propostos. Esta monografia traz à tona o valor dos métodos teológicos, a importância da sabedoria popular, a construção e o papel do povo sendo lugar teológico e não mero espectador, assim como desmistifica o magistério atual.

Palavras-chave: Teologia do Povo; Papa Francisco; Povo; Método teológico; História; América Latina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I: TEOLOGIA E TEOLOGIAS	7
1.1 Ato primeiro: crer e conhecer	7
1.2 Breve história da Teologia até o Concílio Vaticano II	11
1.3 Teologia e teologias	17
CAPÍTULO II: DA TEOLOGIA DO VATICANO II ATÉ A TEOLOGIA DO POVO DE SCANNONE	24
2.1 História da teologia na América Latina a partir das Conferências Gerais	24
2.2 A Teologia do Povo na América Latina	31
2.3 Juan Carlos Scannone como expoente da Teologia do Povo	35
CAPÍTULO III: A TEOLOGIA DO POVO NA VISÃO DE FRANCISCO	42
3.1 Biografia do Papa Francisco	42
3.2 Evangelii Gaudium: Um programa de pontificado	44
3.3 Os sínodos como expressão de uma compreensão papal acerca da Igreja	51
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
LISTA DE SIGLAS	68

INTRODUÇÃO

Desde a eleição papal de Bergoglio, em 13 de março de 2013, um novo líder assume a Igreja e com isso um novo pontificado se instala. Por ser o primeiro papa latino americano a Igreja tem experimentado um estilo novo, bastante pastoral, segundo as suas origens. Mas a grande novidade é a continuidade de pensamento magisterial, ou seja, uma retomada do Concílio Vaticano II e de sua aplicabilidade. O novo papa não traz consigo uma ruptura de pensamento, traz atualização e aplicação.

A postura do papa parece nova por muitas vezes, porém é a mera continuidade e aplicação do que já foi proposto nos Concílios anteriores. Tudo isso está somado a uma teologia particular, local, e da formação teológica de Francisco, que também é filha do Concílio e seu contexto. Essa teologia pouco conhecida que é o pano de fundo do magistério papal é chamada de Teologia do Povo. Uma Teologia nascida na Argentina com Lúcio Gera, que ainda está em evolução e desenvolvimento, tendo Francisco seu nome de maior evidência por seu destaque hierárquico eclesial.

Perceber os movimentos eclesiológicos faz-se necessário na atualidade, e por isso estudar e conhecer essa teologia, que é um método pastoral, leva cada um a perceber o movimento de atualização do Espírito neste tempo contemporâneo, algo estritamente essencial. Sem Bergoglio como papa talvez essa teologia continuaria escondida, o que seria uma perda para a Igreja, mas com sua eleição o tema assume suma importância e destaque. A Teologia do Povo, ou da Cultura, tem uma riqueza de conceitos e fundamentos que fazem pensar uma conversão pessoal, e levam a um amadurecimento pastoral.

Mesmo que Francisco não diga explicitamente sobre essa teologia, este trabalho pretende apresentar as suas características e fundamentos, além de demonstrar tudo isso dentro do magistério. Essa teologia preza por valorizar os leigos e fortalecer a cultura particular local a fim de que um povo seja constituído e formado, sem estar enrijecido ou limitado, em um constante processo de evolução. Não é uma forma de teologia acabada, ela pretende desenvolver-se sempre pois se assemelha a um organismo vivo, a cultura viva que percorre o tempo e as gerações.

Mesmo tendo suas raízes na Teologia da Libertação, pensamento propriamente latino americano, ela se distancia pelo método cultural ao invés de marxista. Cabe aos

estudiosos descobrir as diferenças e semelhanças entre elas, pondo cada uma em seu lugar justo e indispensável. Toda teologia tem algo a contribuir, uma face nova da revelação divina a ser expressa, por isso não deve ser desprezada e sim conhecida.

Este trabalho de conclusão de curso pretende apresentar uma base histórica da teologia em geral, assim como propriamente do contexto latino americano o que situa o tema e demonstra sua intenção e atualidade. Apresentando os conceitos embasados em Juan Carlos Scannone, professor e influenciador de Bergoglio, pode-se descobrir o que é a Teologia do Povo e seu pensamento. Por fim, demonstra-se todo esse arcabouço teórico na vida e magistério do papa com o intento de ver a continuidade dentro da Igreja, a atualização dela, ao invés do que muito se pensa por meio dos críticos do Sumo Pontífice.

A pesquisa documental e bibliográfica são o centro do trabalho que é fruto de uma experiência vivida e traduzida em texto, sistematizada a partir da pastoral, não meramente teórica. O magistério da Igreja é o que dá fundamentos e solidez ao pensamento metodológico, tudo em consonância ao contexto do Concílio Vaticano II.

1. TEOLOGIA E TEOLOGIAS

O capítulo pretende apresentar uma base de conceitos sobre teologia fundamental, seguido de uma breve explanação sobre a história da teologia, tendo a finalidade de perceber a diferença e existência de diversos métodos teológicos: Teologias.

1.1 Ato primeiro: crer e conhecer

Toda pesquisa requer precisão de conceitos, ao passo que em teologia não pode ser diferente. O rigor científico requer clareza no esforço de definir o que é o objeto sobre o qual se debruça o pesquisador. Ao iniciar um trabalho teológico convém posicionar um conceito do que é a teologia. Dessa maneira, o conceito de teologia aparece da seguinte forma em Boff (2015, p.524):

A teologia é uma função natural da fé e uma dimensão integrante da ação da igreja no mundo, pois, para o cristão, não é possível crer sem buscar as razões da sua fé e sem declará-las publicamente (1Pd 3,15). A teologia é filha do encontro entre a fé e o intelecto humano.

Para tratar da natureza da teologia e seus elementos, é possível iniciar o pensamento a partir do princípio de todas as coisas, isto é, a criação. Deus criou o mundo e todo ser vivente, por isso a criação dá início a existência de todo ser vivente e pensante. Do mesmo modo, a existência é comprovada pela razão, como afirma Descartes (2018) em sua máxima daquele que pensa, então existe. Por isso, no sujeito livre e pensante encontra-se a imagem do Criador, posto que, nele está a culminância da obra da criação. Como dirá o salmista: “pouco abaixo de Deus o fizeste, coroando-o de glória e esplendor” (Sl 8,5).

Contudo, Deus não somente cria, mas também sustenta e ama suas criaturas. Sem o seu sustento todas as coisas perdem o ato de existir, segundo a proposta da Teologia da Criação. O Catecismo da Igreja Católica confirma (CIC 301): “Com a criação, Deus não abandona sua criatura a ela mesma. Não somente lhe dá o ser e a existência, mas também a sustenta a todo instante no ser, dá-lhe o dom de agir e a conduz a seu

termo”. A partir de um Deus criador e sustentador, nasce a Revelação Divina que tem o seu ápice em Jesus Cristo. Ou seja, Deus comunica-se com a criatura e também a ama.

Por conseguinte, a Palavra revelada, encarnada na história, o Logos de São João, norteia todo artigo de fé e dá plenitude à Revelação. Esse movimento divino - entendido à luz da fé - denota um fator de secundariedade por parte do Homem: “ele nos amou primeiro” (1 Jo 4, 19). É intenção de Deus criar, sustentar e revelar-se por amor a criação, amor ao homem. Prova de tal amor é que “deu o seu Filho unigênito” (Jo 3, 16).

Nesse relacionamento entre humano e o divino aparece a categoria de mistério, isso fundamenta a relação de Deus que se dá a conhecer. A palavra revelação já é portadora do conceito mistério, pois vem de *revelatio*. A sua etimologia implica essas duas estruturas, Re + velatio, que é descobrir o que está velado. Desse modo, segundo o verbete “revelação” apresentado por Temple, Monteiro e Lujan (2010), no dicionário de Oxford, este designa o ato e o resultado de revelar, divulgação de um segredo, contar algo que era secreto, tornar visível o oculto, antecipar um evento futuro. Mesmo no ato de comunicar-se, Deus permanece ainda em certo aspecto mistério a ser continuamente desvelado, porque tem natureza totalmente diferente do receptor da mensagem.

A própria mensagem revelada tem esse mesmo teor mistérico ao contar uma realidade que transcende nosso entendimento, algo de antecipado, escatológico. Compreender essa realidade já é um ato de acolhida um tanto difícil ao mundo contemporâneo, marcado por uma mentalidade cientificista e tecnicista. Numa mentalidade da verdade grega, expressa pelo conceito “*aleteia*”, referente a algo que se mostra e se esconde para que seja de novo redescoberta sem nunca ser esgotada, encontra-se um parecer que ajuda a repensar o frágil domínio da verdade.

O conceito de revelação passou por diversos entendimentos no campo teológico. Seu ápice na atualidade, no Concílio Vaticano II, ocorreu por meio do documento *Dei Verbum*, tendo apresentado uma unidade inseparável do acontecimento histórico e salvífico. O primeiro elemento deste documento Conciliar é o cristocentrismo da revelação, Jesus como pessoa central. O segundo elemento é a historicidade, Jesus que deve inserir-se na história e nas leis próprias dessa natureza, realizando assim sua *Kenosis*. O terceiro ponto é o caráter sacramental da revelação, que retoma o ser mistérico que não se esgota, transcende o homem.

Tal posição do Magistério resulta em tornar a revelação o fundamento da teologia. Em outras palavras, a autêntica teologia remete ao fundamento revelado. Assim apresenta o teólogo Fisichella (2012, p.84):

Dizer, pois, que “fundamento” é princípio do qual algo deriva implica reconhecer que a teologia deriva constitutivamente da revelação e a ela deve referir-se para toda e qualquer forma real de saber especificamente seu que queira estar conforme ao “fundamento”.

Revelar-se, comunicar-se, é da natureza de Deus, porém acolher essa realidade faz parte da ação humana, ou seja, é preciso ter fé no dado revelado. No caso da Teologia, essa revelação parte de um ser “Totalmente Outro” para o sujeito criatura, como apresenta Otto (2000). Quanto ao sujeito, que acolhe a revelação, é necessário um pressuposto de fé, de que crê na divindade e em sua autocomunicação, acredita em sua experiência pessoal e, por vezes, simultaneamente coletiva.

Ao notar esta operação própria do ser humano - o ato de crer -, fica evidente que toda essa ação inicia-se junto ao Criador, posto que, a fé é dom divino. O Catecismo da Igreja Católica confirma essa constatação ao afirmar que: “a fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele” (CIC 153). Disto, decorre que Ele age de modo primeiro, se comunica primeiro, dá-se a entender ao homem de modo que ele compreenda e acolha sua mensagem, tendo fé nessa revelação divina.

O conceito principal da teologia fundamental está na autocomunicação divina que expressa a ação de Deus em revelar-se mantendo o mistério. Sem deixar de ser Deus ele se comunica a outro não divino. Por isso, para Karl Rahner (1989, p.153) a autocomunicação de Deus é o “ato d’Ele abrir-se em sua intimidade última e em amor absoluto e livre”. O teólogo Rahner explica (1989, p.145):

sobre este conceito não se entenda como se Deus, em uma revelação falasse *algo* sobre si mesmo, mas sim “o termo autocomunicação visa propriamente significar que Deus se torna Ele mesmo em sua realidade mais própria como que um constitutivo interno do homem”.

Dessa maneira, percebe-se a grande ação amorosa de Deus que fala e vive dentro do homem, sendo seu constitutivo essencial. A autocomunicação divina não é somente a transmissão de uma mensagem, mas a revelação de si mesmo ao homem. Como dito acima, ele não somente cria, também mantém sua obra.

Com efeito, o dado revelado não suprime o que é próprio da parte do homem, sua capacidade de reflexão à luz da razão. “Não é menos verdade que crer é um ato autenticamente humano. Não contraria nem a liberdade nem a inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por ele reveladas” (CIC 154). Mesmo sendo dom, ainda assim o Criador permite que o receptor da mensagem seja livre para acolhê-la ou não. A fé nasce desse processo livre e racional, dom e tarefa humana.

O número 5 da Constituição Dogmática *Dei Verbum* - documento conciliar que trata da Revelação - sintetiza e aprimora todo o pensamento acima:

A Deus que revela é devida a “obediência da fé” (Rom. 16,26; cfr. Rom. 1,5; 2 Cor. 10, 5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo “a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade” e prestando voluntário assentimento à Sua revelação. Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá “a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade”. Para que a compreensão da revelação seja sempre mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé mediante os seus dons.

A ação de Deus que se revela é também ato de dar a conhecer algo de novo, algo de oculto, misterioso. Por isso, crer nessa mensagem transmitida é um modo novo de conhecer. O Homem que está acostumado a conhecer através de experiências empíricas ou processos racionais, agora descobre um novo aspecto do intelecto. A partir dessa ideia nasce o conceito de “*auditus fidei*” e “*intellectus fidei*”. Ouvir a mensagem de Deus e acolhê-la, obedecê-la, torna-se ponto de partida para depois compreender o que foi escutado, intelectualizar a fé, racionalizar a revelação divina. Recordar-se da famosa expressão de Santo Agostinho citada no Catecismo (CIC 158): “eu creio para compreender e compreendo para crer melhor”.

Por outro lado, alguém poderia questionar essa experiência de revelação julgando ser devaneio ou qualquer tipo de imaginação do sujeito que a recebe, então nasce a segunda parte do processo: justificar-se. Isso seria demonstrar que a revelação, a experiência vivida é verdadeira e pode ser transmitida, pode ser comunicada através de uma linguagem racional. Assim adverte o Apóstolo Pedro diante da sua comunidade de fé na qual será questionada: “estejais preparados para dar razões a sua fé” (1 Pd 3, 15). Realizar esse conselho apostólico é um dos pontos de partida para a ideia de Teologia, que será esforço contínuo de aprofundar os mistérios revelados e no decorrer dos

tempos foi desdobrando-se em diferentes faces, como modo de traduzir aos homens e mulheres, de diferentes tempos e lugares a face de Deus.

Obviamente que a teologia, como um estudo de Deus (*Theos* + *logia*), não pretende esgotar todo o conhecimento divino e nem conseguiria fazê-lo, mas é um modo de conhecer superior, como afirma o Doutor Angélico, Tomás de Aquino, (apud Boff, 2015, p.403):

por mais limitado que seja o nosso conhecimento acerca das realidades superiores, este pouco já é mais digno de desejo e de amor do que o conhecimento que se pode adquirir das coisas inferiores [...] Ele propicia à alma uma alegria extremamente intensa e lhe confere uma realização altíssima.

O conhecer teológico é uma antecipação da realidade futura, escatológica, e também um encontro com a Verdade, com a divindade, por isso é tão valoroso. Em suma, “Cristo revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS 22), que está para além do natural, do material, uma vocação sobrenatural. Do mesmo modo, afirma Santo Atanásio (2014), “Deus se fez homem, para que o homem se torne Deus”. Por isso, a finalidade seria desde já gozar a contemplação da vida eterna, ter a visão beatífica antecipada, seria a felicidade beatífica o fim último da teologia.

1.2 Breve história da Teologia até o Concílio Vaticano II

O tema do trabalho sugere uma perspectiva teológica de modo geral, e para isso deve-se observar o desenvolvimento da própria teologia no decorrer da história. Pretende-se neste subtítulo vislumbrar as várias fases da Igreja e suas propostas teológicas para cada tempo. A intenção não é aprofundar os conceitos ou discuti-los, mas sim apresentar uma breve história pautada em Libanio (2010) e Hagglund (1986).

Para Libanio (2010), tudo inicia-se, de modo teológico, nas primeiras comunidades onde a tradição oral era a fonte da experiência cristã, e por conseguinte as ocasiões do tempo pediam uma elaboração escrita a fim de perpetuar a fé. Dessa maneira, nasce a teologia do Novo Testamento que é a fonte da revelação cristã, é a “teologia de princípio” segundo Karl Rahner (1989). De modo geral, cada livro do novo testamento tem seus destinatários, as comunidades que estavam sendo formadas. Suas características principais são o diálogo com o judaísmo, a expansão missionária, o

anúncio de Jesus Cristo de modo Querigmático entre outros, assim como podemos ver no livro de Atos dos Apóstolos.

A partir da formação das primeiras comunidades surge o vínculo delas com os apóstolos que com o passar do tempo produziram uma herança teológica. Em vista da necessidade de continuidade a Igreja inicia seu desenvolvimento hierárquico com os diáconos, presbíteros e bispos segundo suas raízes teológicas. Inácio de Antioquia (+100) reforça a ideia de sucessão apostólica e perpetuação da Igreja, apresentando-se um novo tempo que foi chamado de Patrística, o qual percorreu o período do séc I-VII. Essa fase perpassa: Os Padres Apostólicos, ou que conviveram com os apóstolos; Os Apologistas, que defenderam a fé (séc II); As Escolas teológicas (séc III-IV), como por exemplo de Alexandria, Capadócia e Antioquia; Fase final (séc V-VII), com a grande síntese de Agostinho de Hipona.

Desde seu início, também surgiram na Igreja diversas correntes heréticas, doutrinas que precisaram ser esclarecidas, formando assim um grande período de desenvolvimento dos dogmas cristológicos-trinitários, dentre outros tantos esclarecimentos na vida moral, litúrgica e espiritual. Seus instrumentos primordiais foram a bíblia com a elaboração do campo explicativo simbólico-místico, a liturgia como lugar teológico de expressão e relação entre Deus e homem, o desenvolvimento dos papéis hierárquicos e vida eclesial, e por fim evidencia-se a inculturação da fé diante do helenismo.

O último ponto seria o de maior expressividade e modelo para o trabalho atual já que trata-se de uma adaptação da fé a uma cultura que seria evangelizada. Por exemplo, no II século encontra-se um dos mais importantes pais da Igreja no processo de adaptação da linguagem do anúncio evangélico, a saber Justino, o filósofo. À luz da teologia joanina, no que tange à ideia do Verbo (*Logos*), foi imprescindível o contributo de Justino que se valeu dos filósofos clássicos da antiguidade. Deste modo, valendo-se da cultura de seu tempo, o Padre soube aproveitar o que havia de reto e verdadeiro em vista da evangelização.

Na figura de Santo Agostinho (+ 430) encontra-se toda a formulação e adesão da linguagem e pensamento filosófico ao cristianismo. A condensação entre helenismo e cristianismo tornou-se fundamental para o restante do processo histórico. Dentre as diversas correntes, a favor e contra a filosofia grega, a Igreja optou pelo meio termo tendo em Agostinho essa figura de equilíbrio porém de submissão da razão pela fé. Sua

máxima “Crer para compreender” (*credo ut intelligam*) é a formulação final, tendo em primeiro lugar a fé e depois a compreensão dessa pela filosofia. A fé é o maior meio de conhecimento, já que advém do próprio Senhor.

O Sínodo de Orange (529) chancela o encerramento de um grupo de questões, somados aos quatro temas primordiais em Agostinho, são esses segundo Hagglund (1986, p.96):

Há quatro elementos diferentes na teologia de Agostinho que são de interesse particular neste contexto. São: sua doutrina da Trindade, seu conceito básico de cristianismo (neoplatonismo e cristianismo), sua doutrina da igreja (desenvolvida em seu conflito com o donatismo), e sua doutrina de pecado e graça (desenvolvida em seu conflito com Pelágio).

Dessa maneira a teologia medieval desloca seu pensamento para Agostinho e o segue por um grande período. Uma guinada de pensamento acontecerá ao ser introduzido o acréscimo aristotélico no lugar do neoplatônico, o que marcará novas discussões. Esse novo tempo, medieval, percorreu suas diversas etapas atravessando por volta de oito séculos (VII-XV), dentre eles se encontra: A fase gestatória (VIII-X); O início de seu pensamento (XI-XII), com Santo Anselmo e Abelardo; Alta Escolástica (XIII), destacando-se a escola dominicana de Alberto Magno, Tomás de Aquino e Mestre Eckart; Por fim, a Escolástica Tardia (XIV-XV) tendo a escola franciscana como expoente nas pessoas de Boaventura, Duns Escoto e Guilherme de Ockham. Esses homens marcaram esse período e definiram o caminhar do pensamento teológico.

Três foram os pontos primordiais para o desenvolvimento teológico, a incorporação da filosofia clássica e seu método dialético, a revisão das regras de vida monásticas e por fim as universidades que se tornaram ambientes de grande desenvolvimento e construção intelectual. O adágio agostiniano fora reformulado por Tomás, a partir das traduções de Boécio que deram vida a Aristóteles. Agora, tem-se “crer e compreender”, expressão de uma profunda adesão e condensação entre filosofia e teologia. Dessa maneira, acontece uma transição dos símbolos e analogias patrísticas para os conceitos escolásticos racionais, o que será criticado pela navalha de Ockham. Por outro lado, perdura a linha monástica-agostiniana que evidencia a mística em crítica ao rigor da razão. Representada por São Boaventura e a escola franciscana, tem-se a corrente de resistência que se recusa a tratar a teologia de modo tão científico.

Contudo, Tomás de Aquino contribui de modo decisivo para o período, sendo até hoje reconhecido como leitura básica para o estudo teológico. Seu cume está na união entre Agostinho e Aristóteles, fé e razão, afirmando a teologia como ciência. Isso significa dizer que Tomás acreditava que tanto a revelação quanto a razão natural são modos de conhecimento, embora o seu conteúdo seja diferente. O homem é capaz de conhecer a essência das coisas, conhecer a sua finalidade e assim sua causa primeira ou metafísica, decorre disso as suas 5 teses de teodicéia, além de sua grande obra chamada “Suma Teológica”. Ao lado da metafísica, há a revelação como um modo de conhecer a Deus pela via da graça, ponto em que seu pensamento une a Agostinho. Por fim, a sua grande conclusão de que teologia é ciência será refutada por Duns Scoto, formando o ponto de contra-argumentação do período.

Neste contexto medieval, seguindo as pegadas de Ockham com o nominalismo, mais Erasmo de Roterdã (1536) e seu pensamento anti escolástico, o monge agostiniano Lutero (+ 1546) rompendo com a corrente de pensamento vigente revolucionou a teologia cristã com sua posição radical de cisão entre fé e razão. Ele assume uma visão mais mística e subjetiva diante de diversas realidades da Igreja como a hierarquia, livre interpretação, salvação por predestinação etc. Esse modo de lidar com a fonte da teologia, a revelação, gerou grandes desdobramentos históricos. Quem formulou e organizou de modo mais sistemático os pensamentos de Lutero foi seu discípulo Melanchthon (+ 1560), chancelando assim o protestantismo.

Da iniciativa luterana surgiram diversas outras concepções teológicas contrárias às teses católicas. Vários foram os problemas na Europa nesse período. Para Martina (1997) pode-se dizer que as consequências desses movimentos protestantes culminaram no rompimento do catolicismo na Inglaterra, quando Pio V excomunga a rainha Elizabeth I que transformou seu país numa religião-estado (1559). Ou seja, a rainha era chefe de estado e da nova igreja anticatólica. Diante de todo o contexto político e das divergências doutrinárias, a Igreja sentiu-se obrigada a realizar uma Contra-reforma com o Concílio de Trento (1545-1563), buscando reafirmar aspectos muito importantes para a teologia como os sacramentos, o magistério da Igreja, a interpretação bíblica, e de modo primordial a doutrina da salvação ligada a graça mas também ao esforço e ao mérito das obras, de modo geral foram condutas inspiradas por Tomás de Aquino e seus conceitos.

A mentalidade era de defender-se perante os inúmeros ataques teológicos e eclesiais, por isso a afirmação de uma “filosofia e teologia perenes”, assim como a formulação de manuais de dogmática, moral e teologia fundamental, chamou-se de período manualístico esse momento. Um bom exemplo foi a confecção do primeiro Catecismo Romano de Roberto Belarmino (+ 1621). Foi um período de grande reviravolta no catolicismo, percebe-se que o grande ponto desse momento não são mais os teólogos e sim o posicionamento do Concílio de Trento.

Posteriormente, pastores da Igreja e teólogos cuidaram de desdobrar os ensinamentos magisteriais tridentinos em suas dioceses e universidades. Afirma Martina (1997, p.158):

No início da idade moderna estão alguns princípios: A ruptura religiosa provocada pelo protestantismo impôs de modo grave e inelutável o problema da coexistência de diferentes religiões fundadas todas no exclusivismo dogmático e pretendentes todas, portanto, ao monopólio eclesial e religioso. Mas a solução positiva foi alcançada, como sempre na história, depois de longas lutas, em meio a graves dificuldades, entre excitações e erros teóricos e práticos.

Essas marcas de mudanças que caracterizam a modernidade e as inúmeras cisões demonstram um período turbulento de conflitos culturais, sociais e religiosos, de embates de pensamentos teológicos. O estopim do conflito foram as correntes iluministas e a Revolução Francesa (1799), gerando o fim do poderio da Igreja e a cristandade. Nesse momento, a Igreja não apresenta mais a primazia de ideias mas está em divergência com a sociedade, necessitando de uma nova síntese e adaptação cultural.

Para Sesboué (2013), a partir dessas realidades conflitantes surgem duas correntes de restauração dentro da Igreja. Uma está vinculada a reforçar a imagem do papa e essa vai influenciar o período até o Concílio Vaticano I, sendo tendência na Itália e França, tendo como porta-voz Gregório XVI (1831) com seu livro “O triunfo da Santa Sé e da Igreja”. Para essa corrente era preciso restaurar o poder hierárquico sob a figura do papa, o que demonstra uma postura eclesiológica. Essa tendência também está fixada pelos acordos estatais nos quais o Papa Pio VII enfrentou com Napoleão.

Outra corrente pouco valorizada em seu tempo foi a escola romântica Alemã, na qual procurou retomar as fontes patrísticas e medievais. Enquanto o racionalismo e idealismo alemão lutava pela inovação e ciência, o romantismo buscou a valorização da cultura e da tradição, isso também ocorreu dentro da teologia. A escola de Tubingen se

destacou com grandes pensadores somados ao cardeal Newman (1890) que influenciou o pensamento do CVII. Essa linha de pensamento dialogava com os filósofos Hegel e Schelling, assim como o reformador protestante Schleiermacher. O foco foi o retorno às fontes não tendo mais a hierarquia como lugar da Igreja, mas sim a comunidade viva de fiéis, o que seria uma grande inversão eclesiológica.

Todo esse terreno preparou o Concílio Vaticano I, no que parece os autores tendem a tratar esse período como uma reformulação do problema eclesiológico. Parece que as disputas sobre o que é a Igreja e qual o seu papel são essenciais nesse tempo, a escola Romana aparece como a principal influenciadora do concílio juntamente com a piedade papal nas figuras de Gregório XVI e Pio IX. Foi um período de exaltação dos manuais e catecismos para orientar a fé e a teologia, ainda reforçam uma ideia de que a Igreja é portadora da moral social e deve ser obedecida, com os documentos papais *Quanta cura* e *Syllabus* em vista disso.

O Concílio Vaticano I (1869 - 1870) surge como orientador da “guerra” entre Igreja e período moderno, demonstrando o posicionamento de apologia frente ao mundo. Sempre reforçando a autoridade da Igreja perante as realidades, e sua hierarquia. Nasce então a Constituição Dogmática *Pastor Aeternus* definindo o dogma da infalibilidade papal e o primado do Pontífice Romano. O objetivo foi manter a unidade da Igreja e os papéis de hierarquia, algo muito próprio da visão eclesiológica de Roberto Belarmino. Alguns teólogos, como o próprio Sesboué, criticaram esse concílio como Ultramontanismo, dando ao papa mais destaque do que deveria e excluindo o corpo dos bispos.

Diante das diversas inquietações teológicas, principalmente o fechamento da Igreja para o diálogo com o mundo moderno, apresenta-se o século XX em meio a uma diversidade de pensamentos somados a um contexto caótico de guerras. Apesar de tudo, correntes de pensamentos como a “*Nouvelle Théologie*” (nova teologia) e o neotomismo se destacam por essa retomada das fontes seguindo os rumos da escola de Tubingen que ressalta a retomada das fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas. Houve também o incentivo do método histórico-crítico e diálogo com os diversos ramos da filosofia como o neokantismo, hegelianismo etc.

O desejo de avançar por parte de alguns teólogos foi fundamental para movimentar as ideias neste contexto que previsivelmente tendia ao fechamento. Grandes autores surgem em preparação para o CVII, como por exemplo Guardini,

Maritain, E. Gilson, Yves Congar, Henri de Lubac, Daniélou, Chardin demonstrando uma diversidade de pensamentos, assim como Ratzinger, o futuro Papa Bento XVI. Todos esses foram vistos com desconfiança por parte da Cúria Romana se não, por vezes, tiveram de enfrentar processos de sanção penal.

A revalorização de tais teólogos só ocorreu após o término do pontificado de Pio XII (1958). João XXIII inaugura um novo tempo na Igreja, valendo-se de uma mentalidade aberta aos desafios da modernidade. O grande ponto deste século é o próprio Concílio e sua inversão, equilíbrio eclesiológico, com o olhar de Igreja como “Povo de Deus”. Esse conceito pontualiza uma tensão entre Corpo místico de Cristo, as realidades imanentes e transcendentais, uma Igreja encarnada mas também espiritual.

Com certeza, o Papa João XXIII e Paulo VI foram grandes expoentes desse contexto recolocando o catolicismo em abertura e diálogo com o mundo moderno de pesquisas científicas, reajustando a figura do Papa e seu colégio episcopal assim como a hierarquia da Igreja centrada na valorização dos leigos e tendo como auge os batizados segundo uma teologia de Yves Congar. No viés crítico da Igreja aparecem o K. Rahner e Jungmann que pretendiam uma teologia mais querigmática. Enfim, surge um contexto de grande pluralidade teológica com documentos inovadores dentro do concílio.

1.3 Teologia e teologias

Como foi possível observar o percurso histórico da teologia dentro da Igreja e seu desenvolvimento conforme o período, é notável que o pensamento não pode escapar ao contexto vigente, a teologia atualiza-se de modo a responder às necessidades de seu tempo. Por isso, na atualidade, vê-se diversos modos de fazer teologia, diversos caminhos teológicos para cada realidade particular. Os autores têm opiniões diferentes nesse aspecto, uns percebem uma evolução nesse sentido de especificidade, outros se preocupam com uma ruptura de unidade teológica o que seria tratar apenas de temas específicos e particulares sem levar em conta o todo. O fato é que o fenômeno atual revela-se de modo plural e diverso.

O magistério explica o contexto atual com o documento Teologia hoje (2012, n. 74):

Os Padres da Igreja conheciam o termo “teologia” somente na forma singular [...] Na teologia escolástica, a diversidade de questões estudadas pelos teólogos pode justificar o uso de vários métodos, mas nunca era colocada em dúvida a unidade fundamental da teologia. Por volta do final da Idade Média, no entanto, houve uma tendência de distinguir e até mesmo de separar teologia escolástica e teologia mística, teologia especulativa e teologia positiva, e assim por diante. Nos tempos modernos, tem havido uma tendência crescente de usar a palavra “teologia” no plural. Fala-se das “teologias” de diferentes autores, épocas ou culturas, tendo em mente os conceitos característicos, temas significativos e perspectivas específicas dessas “teologias”.

Essa citação revela que a história teológica demonstrou suas diversas fases como simbólica no período patrístico, conceitual no medieval, ou manualística no período moderno, mas essas reflexões sempre estão contextualizadas e as que adquirem perenidade são as que mesmo sendo particulares atingem certo ponto de universalidade. Assim, o chamado pai da Teologia da Libertação G. Gutiérrez é citado por Libanio (2010, p. 245):

A maneira pela qual cada teologia particular procura encarnar a linguagem da fé no Cristo possui um alcance profético para toda a Igreja. Somente na escuta recíproca dessas vozes múltiplas suscitadas pelo Espírito do Senhor a Igreja realizará sua vocação propriamente católica.

De fato, o desafio e a genialidade se exprime nessa forma que consiste em uma teologia particular que contribui com a perspectiva universal. Esses dois eixos são indissociáveis, mesmo que em forma de tensão, pois o que é particular nem sempre se encaixa no geral. Não há como fazer uma teologia abstrata, sem contexto, ou fora de uma perspectiva particular já que parte de um autor. Contudo a sua universalidade pode ser expressa pelo espaço geográfico que alcançou, a quantidade de pessoas que se alimentaram dela, ou o quanto esse pensamento perdura no tempo. Exemplos poderosos dessa situação são os próprios Documentos da Igreja, e também seus grandes autores como Santo Agostinho ou Tomás de Aquino.

O documento Teologia Hoje (2012) apresenta alguns fatores que levaram a esse movimento de pluralidade teológica. Um primeiro fato são as especializações dentro das disciplinas de teologia, como por exemplo liturgia, bíblia, teologia fundamental e outras. Outro seria a diversidade de estilos teológicos pela influência de demais ciências como a história, sociologia e antropologia assim como as demais. Por fim, o documento apresenta a multiplicidade de temas e atuações, lugares e contextos. Tudo isso gera novas e diferentes perspectivas para tratar de Deus.

Essas perspectivas não devem ser vistas como algo ruim, mas como uma expressão da catolicidade da Igreja, assim afirma Teologia Hoje (2012, n.77):

A pluralidade de teologias é, sem dúvida, necessária e justificada. Isso resulta, antes de tudo, da abundância da verdade divina, que os seres humanos só podem apreender em seus aspectos específicos e nunca em sua totalidade, e, além disso, nunca definitivamente, mas sempre, por assim dizer, com novos olhos. Além disso, em razão da diversidade dos objetos que ele considera e interpreta (por exemplo, Deus, os seres humanos, os eventos históricos, os textos), e a própria diversidade dos questionamentos humanos, a teologia deve, inevitavelmente, recorrer a uma pluralidade de disciplinas e métodos, de acordo com a natureza do objeto a ser estudado. A pluralidade de teologias reflete, de fato, a catolicidade da Igreja, que se esforça para proclamar o único Evangelho às pessoas de toda parte e em todos os tipos de circunstâncias.

O grande desafio apresenta-se nessa tensão de subjetivo e objetivo, geral e particular, tendo o grande risco de cultuar-se uma teologia cristalizada no tempo e sem diálogo com a realidade atual, com o contexto histórico em que se vive. É fato que em sua particularidade a teologia europeia não é capaz de responder às necessidades da Americana ou Africana, mas ganha grande poder e genialidade quando também contribui com uma experiência diferente da sua, quando se entrelaça ou transpassa a sua perspectiva. Por outro lado corre-se o grande risco da fragmentação, do tema tão específico e particular que quer dar lições e atuações para o geral amplamente diverso.

Esses cuidados com os desvios dentro do campo teológico também gera atenção no magistério que se expressou em virtude dessa realidade ainda através do documento Teologia hoje (2012, n. 78-79):

A pluralidade, naturalmente, tem seus limites. Há uma diferença fundamental entre o legítimo pluralismo da teologia, por um lado, e do relativismo, heterodoxia ou heresia, por outro. O próprio pluralismo, todavia, é problemático se não houver comunicação entre as diferentes disciplinas teológicas ou se não houver critérios concordes pelos quais as várias formas de teologia possam ser compreendidas – para si mesma e para os outros – como teologia católica. [...] A busca da unidade entre a pluralidade das teologias assume, hoje, numerosas formas: a insistência na referência a uma tradição eclesial comum da teologia; o exercício do diálogo e da interdisciplinaridade; e a atenção para evitar que as outras disciplinas com as quais a teologia entre em contato imponham o seu próprio “magistério” à teologia. A existência de uma tradição teológica comum na Igreja é um fator importante para a unidade da teologia. Na teologia há uma memória comum, de tal forma que algumas conquistas históricas permanecem como pontos de referência para a teologia de hoje. É verdade que alguns aspectos da tradição teológica anterior, por vezes, podem e devem ser abandonados, mas o trabalho do teólogo nunca pode dispensar uma referência crítica à Tradição que a precedeu.

Desse modo, a Igreja incentiva e vê como positivo esse desenvolvimento teológico plural, ainda que apresente ressalvas que na verdade são modos de defesa de correntes contrárias à fé. A busca da pluralidade e diversidade sem deixar de ser católico é um movimento essencial nos tempos atuais. Precisa haver um ponto de conexão e união com a Tradição como apresenta o documento. Mas, não se pode excluir a interdisciplinaridade e o diálogo com outras ciências.

No aspecto social, pode-se verificar que cada povo tem sua linguagem própria e procura comunicar-se em seu grupo, e sem essa perspectiva não há entendimento, por isso tamanha pluralidade quando se diz de experiência teológica ou religiosa. É possível citar essa diversidade e enfoque teológico nessas manifestações atuais como a teologia meta-sexista, teologias étnicas, teologias ecológicas, macroecumênicas e as pluriculturais. Obviamente cada enfoque tem algo a dizer para a sociedade, assim como contempla o espaço de um grupo específico, ou seja, uma experiência com Jesus, sendo ela em aspectos diferentes das outras.

Ainda Libânio (2010, p. 282), define a teologia não “como discurso do fragmento, mas do mosaico: articula e dá sentido, com consciência de sua provisoriedade, aos elementos que se lhe apresentam”. Essa imagem é muito interessante porque o mosaico separado é feito de peças exclusivas com um formato e uma imagem, mas quando estão juntas vão realizando e compondo uma outra imagem maior e mais complexa, mais perfeita. Parece que essa analogia dá sentido e demonstra de forma clara o que se pretende com o conceito de pluralidade teológica sem perder a universalidade.

Em Boff (1978), a questão está voltada para o método, as diferenças de métodos demonstram as diferenças de teologias, e a cada método uma teologia concreta. O autor pensa a metodologia a partir de uma vivência prática, ou seja, um segundo momento que seria colocar em forma de regras aquilo que se praticou. A prática, a experiência seria o primeiro momento e mais essencial para tal. Assim, Boff (1978, p.335) explica que o “Método significa o caminho que a teologia deve percorrer para cumprir com exatidão e rigor a tarefa de refletir sobre a fé”. É um caminho que parte de uma vivência concreta e que por conseguinte é ensinada em forma de regras.

Dessa maneira, tendo um método estabelecido, uma regra, ele pode ser vivenciado por outras pessoas, pode tornar-se um alimento de fé e caminho para a universalidade, para um grande número de pessoas saindo daquela experiência primeira

e particular. Portanto, o período contemporâneo é visto desse modo por Boff (1978, p. 353):

Em data mais recente, por influência das ciências históricas, literárias, arqueológicas, que investigam as fontes da revelação, introduz-se o método da história do dogma numa perspectiva da história da salvação. Este método é proposto pelo decreto *Optatum Totius* do Concílio Vaticano II (n.16), em cujo horizonte surgem novas metodologias. Os símbolos e os conceitos deixam mais espaço para as experiências e práticas.

O Magistério percebe que o avanço das ciências e seus ramos diversos podem e devem contribuir para melhor explicar e melhor compreender as dimensões do sagrado. Assim como na antiguidade fez-se todo o esforço para adequação da linguagem filosófica diante da teologia, ainda hoje continua esse desafio de adequação para os diversos ramos do saber como já citados acima. São novas perspectivas, novos modos de fazer a experiência com Deus e de explicá-las. Seriam ferramentas novas a serem acrescentadas dentro da grande caixa de ferramentas que é a Igreja e sua riqueza histórica.

Olhando para a perspectiva Latino Americana, Boff (1978) cita a diversidade teológica desse continente através de autores como F. Taborda que apresenta mais de cinco modelos metodológicos para a teologia da libertação, assim como A. Antoniazzi que reconhece onze modelos dessa mesma linha. Diante dessa explanação, fica clara a complexidade e pluralidade da realidade teológica atual. Libanio (2010, p. 148) acrescenta este pensamento fazendo referência ao homem moderno e seu modo de conhecimento, que antigamente posicionava-se como receptor da tradição, mas “hoje as pessoas se voltam mais para a sua experiência. Esse movimento provoca profunda transformação no interior da teologia”.

A reflexão demonstra uma inversão dos pólos, não mais de cima para baixo e sim de baixo para cima. Surgindo uma teologia que se desloca da transcendência para a encarnação, isso torna o pensamento cada vez mais personalista, antropocêntrico e encarnado. A dimensão da subjetividade ganha toda a força em detrimento do conteúdo objetivo, o que gera uma profunda pluralidade de pensamentos, perspectivas, já que cada grupo social tem seu núcleo simbólico-linguístico e para atingi-lo é preciso partir desse pressuposto. Para Libanio (2010), a teologia perdeu seu caráter autoritário assumindo uma posição de diálogo com a sociedade moderna, posição de ecumenismo e abertura.

Cada vez mais o homem está atado às suas experiências como núcleo de verdade e de agir. Assim continua Libanio (2010, p. 155): “Não vivemos a época das elaborações teóricas abstratas, mas sua verificação pela práxis. O homem é e vale por sua práxis e não por suas ideias”. Essa visão prática da teologia está de acordo com o novo documento do Magistério atual, Papa Francisco orienta no *Motu Proprio Ad Theologiam*, n.8: “é necessário privilegiar o conhecimento do senso comum das pessoas, que é de fato um lugar teológico onde muitas imagens de Deus habitam”. Em consonância exprime ainda no n. 3:

Conforme expresse na Carta ao Grão-Chanceler da Universidade Católica da Argentina, dirigida a professores e estudantes de teologia: “Não se contentem com uma teologia de mesa. Seu lugar de reflexão deve ser nas fronteiras. Até mesmo os bons teólogos, assim como os bons pastores, cheiram a povo e a rua, e com sua reflexão, derramam óleo e vinho nas feridas dos homens”. A abertura ao mundo, ao ser humano em sua situação existencial concreta, com seus problemas, feridas, desafios e potencialidades, não pode ser apenas uma atitude “tática”, adaptando conteúdos cristalizados a novas situações.

Diante dessas perspectivas constatamos a presença de uma teologia latino americana expressa de diversos modos e em diversas correntes, como já explicado acima pelas diferenças de temas e métodos. Uma das correntes predominantes é a teologia da libertação e seus ramos, no qual muitos já apresentam como “teologias da libertação”, assim como o documento da congregação para a doutrina da fé “Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação” (1984, III, n.3):

A expressão “teologia da libertação” designa primeiramente uma preocupação privilegiada, geradora de compromisso pela justiça, voltada para os pobres e para as vítimas da opressão. [...] Como todo movimento de ideias, as “teologias da libertação” englobam posições teológicas diversificadas; suas fronteiras doutrinárias são mal definidas.

Dentre esses diversos ramos, dentro da própria teologia da libertação, apresenta-se a Teologia Argentina, Teologia do Povo ou Teologia da Cultura, como um novo expoente da atualidade. Sua expressividade encontra-se nesse modo diverso de fazer teologia particular (Argentina) que contribui para a teologia universal. Ela ganhou destaque e atuação universal com a nomeação do cardeal Bergoglio ao posto de Sumo Pontífice. Essa teologia será o foco deste trabalho em virtude da necessidade de conhecê-la e diferenciá-la, assim como sua importância expressa no magistério atual.

Desse modo, o Papa Francisco como filho do Concílio e Latino Americano traz como bagagem a rica tradição de abertura ao diálogo com o mundo e a pluralidade de ideias como riqueza no seio da Igreja. À frente da Igreja, o Sumo Pontífice propõe um modelo eclesial não monolítico. Isso é o que conta Spadaro em sua entrevista com Vidal (2016) falando da relação dos jesuítas com o Papa:

O Papa disse uma vez aos superiores gerais de ordens religiosas que hoje nós temos que enfrentar perguntas que nem mesmo nós compreendemos. No fundo, a realidade vai além da nossa capacidade de compreensão. Isso é realismo: saber que não temos todas as respostas. Nisto o Papa deu várias voltas em seus documentos oficiais: que nunca teremos todas as respostas.

Assim, há um processo de descentralização que gera aos teólogos e pastores a devida incumbência de encontrar as respostas mais adequadas à sua realidade local. Cada qual deve assumir sua responsabilidade perante o cenário de sua região, sendo ali voz da Igreja, desenvolvendo temas e dimensões teológicas próprias para aquele povo e região, sempre em unidade com a tradição e o magistério universal. Portanto, é necessário e prioritário fazer teologias.

2. DA TEOLOGIA DO VATICANO II ATÉ A TEOLOGIA DO POVO DE SCANNONE

Para adentrar no tema é preciso perceber os movimentos teológicos dentro da América Latina a partir das conferências Gerais Episcopais. Esse entendimento gera o embasamento para a apresentação geral dos conceitos sobre a Teologia do Povo e do autor escolhido, Juan Carlos Scannone.

2.1 História da teologia na América Latina a partir das Conferências Gerais

Os grandes marcos do movimento teológico continental partem das conferências episcopais, que demonstram a atuação do magistério latino americano e dessa maneira a formulação de uma teologia em construção. É preciso enfatizar e perceber esses movimentos no decorrer da história, além de seus frutos e ações aos arredores. Compreender a importância das conferências episcopais exige a percepção de sua natureza a partir das conferências Gerais, sendo estas apresentadas por Libanio (2007, p.10) da seguinte maneira:

A América Latina iniciou, na Igreja Católica, certo tipo de reunião de bispos que teve na história da Igreja figuras parecidas, mas não iguais. Em linguagem tradicional, seria uma espécie de sínodo ou concílio regional do continente latino-americano. Assumiu o nome de conferência Geral do Episcopado. As suas características a distanciam das formas dos antigos concílios regionais. Em vez de debater temas dogmáticos, diretamente ligados à formulação das verdades da fé, optou-se pela perspectiva eminentemente pastoral. E esta se caracterizou desde o início por um triplice olhar, tendo no centro a Igreja: ver a realidade que desafia a Igreja, refletir sobre ela à luz da fé e orientar a ação pastoral.

Essas características já demonstram uma identidade da teologia magisterial nesse continente apontando para os problemas pastorais muito mais do que dogmáticos. A colegialidade também é uma marca identitária segundo o autor. Essas conferências assumiram de modo geral o método ver, julgar e agir como pressuposto da evangelização. Sendo assim, apresentam-se características muito peculiares nesse continente. De modo geral, tratar-se-á de percorrer o entendimento dos principais eventos das conferências episcopais neste trabalho, a fim de entender uma história teológica na América Latina.

Farias (2020) apresenta um primeiro movimento de integração e unidade no continente latino americano através do Concílio Plenário convocado pelo Papa Leão XIII em sua carta apostólica *Cum diuturnum* (1898). Este fato marca a primeira reunião do

episcopado latino americano e a romanização da Igreja neste continente, ou seja, a oficialização desse grupo episcopal perante a Igreja universal. Com o advento do magistério de Pio XI (1922-1939), inicia-se um programa de trabalho centrado no Reinado de Cristo, tendo a encíclica *Quas Primas* (1925) o seu plano pastoral que influenciou a teologia na América Latina.

Para Sesboué (2013), o papa Pio XI é reconhecido pela criação da “Ação Católica”, que foi um movimento de apostolado dos leigos dentro da missão hierárquica da Igreja. Essa realidade tornou-se base para o Concílio que viria. Sesboué (2013, p.429) afirma que:

a espiritualidade da ação católica foi uma espiritualidade do Corpo místico. O período que vai de 1900 a 1937 viu surgir toda uma floração de estudos bíblicos, patrísticos e doutrinários sobre esse tema. Toda essa corrente preparou a mudança de perspectiva trazida pela eclesiologia do Vaticano II.

Já nesse período, pré-conciliar, o Papa promoveu ações pastorais na América Latina como no caso do cardeal Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, chamado a instituir ações laicais através da carta *Quamvis Nostra De actione catholica aptius promovenda* (1935), por causa da insuficiência do clero local. Esse incentivo papal dará nova perspectiva identitária para o contexto local, o leigo ganhará papel fundamental em meio a Igreja latina e isso perdurará até a atualidade, sendo marca do continente.

Farias (2020) afirma que essa doutrina papal foi o germe para o nascimento da teologia latino americana, que nasceria no Concílio Vaticano II. O projeto de Pio XI foi motivador do Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires (1934), assim como a fundação de faculdades de teologia nos países desse continente (1935). O próprio Papa João XXIII na sua carta *Ad dilectos* (1961) propõe um plano de trabalho que valorize e dê movimento ao continente, às vésperas do Concílio Vaticano II (1962).

A primeira conferência episcopal ocorreu no Rio de Janeiro em 1955, tendo a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, nascida em 1952) como responsável pela preparação e organização do evento. O grande fruto desse ocorrido foi a fundação do CELAM, Conselho Episcopal Latino Americano. Os assuntos centrais dessa reunião foram a escassez de sacerdotes e por isso uma deficiência da instrução religiosa, outro tema foi a pobreza maciça da população, além dos assuntos sobre a industrialização, missões, colaboração dos leigos, população indígena entre outros. A escassez do clero

e a pobreza da população aparecem como marcas do continente, desafios para o crescimento da Igreja.

A partir dessa conferência é preciso evidenciar a primeira reunião de teólogos ocorrida em Petrópolis (RJ) em 1964. Andrade (1996, p.49) apresenta a finalidade do encontro em fragmento do texto da carta convite para tal evento:

Despertar através deste grupo nas diversas faculdades, professores de teologia etc. uma atitude de interesse ativo, abrindo horizontes e definindo assuntos de pesquisa, de interesse latino-americano. A ideia é de que este encontro possa ser o ponto de partida de um trabalho de pesquisa teológica da problemática da Igreja latino-americana.

Para esse autor, essa reunião pode ser considerada o marco inicial da criação de uma teologia latino-americana, já que houve a presença de nomes como Juan Luis Segundo, Lúcio Gera e Gutiérrez. Essa formulação se constituiu no final dos anos 60 e desenvolveu-se nos anos 70 e 80, formando a chamada teologia da libertação. Seu principal objetivo era dar respostas às realidades de pobreza e exploração vividas dentro do continente à luz do evangelho. Dessa maneira, é interessante perceber o desenvolvimento histórico às margens do Concílio.

Esse Concílio foi o grande marco do século XX, como já comentado no final do subcapítulo 1.2. Para Souza (2013), a proposta de *aggiornamento* de João XXIII, no Concílio Vaticano II, gerou uma atualização da Igreja, possibilidade de desenvolvimento de reflexões situadas em âmbito local, e inserção no mundo moderno. O Papa apresentou as falhas da Igreja, o que não era comum em seus antecessores, a partir disso propôs mudanças e uma continuidade ao magistério do Concílio Vaticano I.

Souza (2013, p.75) expressa que a “intenção do Papa era clara, a assembleia conciliar não poderia limitar-se a certo número de assuntos, previamente selecionados por Roma”. Essa postura demonstrou uma abertura às diversas realidades eclesiais saindo da centralidade romana. A proposta era ouvir todos os continentes, além disso também deveria ser ouvido uma gama de setores da sociedade como professores, diretores de jornais, reitores, cientistas entre outros. O desejo de João XXIII foi avançar no diálogo com o mundo moderno e o ecumenismo, ao invés de permanecer em uma postura de fechamento ou de exclusão dos não católicos.

Em suma, Miranda (2009, p.77) expressa:

O Concílio Vaticano II significou uma mudança decisiva para esta configuração eclesial. Pois aceitou dialogar com a sociedade civil, avaliar a cultura da modernidade, assumir alguns de seus elementos, atualizar (aggiornamento) sua pastoral pelo conhecimento do contexto real onde vivem os católicos, reconhecer a importância das Igrejas locais e a necessária inculturação da fé. O diálogo se estendeu às Igrejas nascidas da Reforma, bem como a outras religiões.

De modo central para este trabalho a Constituição dogmática *Lumen Gentium* (1964), que trata dos fundamentos eclesiológicos da Igreja reforçando o papel dos leigos, representa o fruto mais importante do Concílio para a teologia latino-americana. A definição da Igreja como “povo de Deus”, a revalorização da eclesiologia local, e a definição de magistério sendo o colégio episcopal unido ao papa, apontaram para novos caminhos teológicos como citado no subcapítulo “Teologia e teologias”.

Cavaca (2013) comenta que a *Lumen Gentium* aborda três características eclesiais inseparáveis: Corpo Místico de Cristo, povo de Deus e Templo do Espírito Santo. Esses seriam os conceitos que marcam a essência da Igreja, a eclesiologia magisterial. Além disso, a Igreja não pode deixar de ser vista como Mistério, que consiste em uma tensão de união entre o humano e o divino. Ela nunca perde seu elo espiritual, mas ao mesmo tempo é encarnada e vice-versa.

Junto a constituição dogmática, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* (1965) demonstra-se como outra pilastra da teologia latino americana. Esta inspirou o fazer teológico baseado em um olhar sobre a realidade, paralelamente a isso a proposta metodológica “Ver, Julga e agir” tornou-se muito utilizada em nosso continente. Esse novo método tornar-se-á fonte de inspiração para os documentos de Medellín (1968) e Puebla (1979). Esse método seria um processo de analisar os fatos da vida como princípio, julgar os fatos sob a luz do Evangelho como próximo passo, para então orientar a ação evangelizadora em um processo final.

O fato é que as atualizações ou renovações do magistério não foram bem acolhidas em todos os lugares, alguns grupos desejavam a retomada da identidade tridentina em meio a tanta abertura e diálogo com o mundo moderno, como afirma Libanio (1983). Porém Sesboué (2013) apresenta que algumas assembleias episcopais tomaram decisões inovadoras a fim de implementar o pensamento, como o caso de Medellín, Kampala, Manilla e Puebla.

Medellín (1968), Colômbia, foi convocada pelo Papa Paulo VI com o objetivo de aplicar o CVII às necessidades da América Latina, tendo como base a *Gaudium et Spes*

e a *Populorum Progressio* (1967). Farias (2020) apresenta três temas que foram discutidos, a saber: Promoção humana, Evangelização e crescimento na fé, Igreja visível e suas estruturas. A partir disso elaborou-se 16 documentos como resposta aos temas. O autor ainda afirma que esse momento foi a reviravolta de uma dependência da Europa para produções próprias, uma independência teológica.

As conclusões de Medellín (1968, p.81) apontam que a missão pastoral da Igreja “é essencialmente serviço de inspiração e de educação das consciências dos fiéis, para ajudá-los a perceber as exigências e responsabilidades de sua fé, em sua vida pessoal e social”. Ou seja, não somente uma religião do saber mas também do agir. Rejón (1986, p.54) traz uma profunda reflexão conclusiva:

Convém, não obstante, sublinhar que a importância de Medellín não está tanto nos textos mesmos das suas conclusões, quanto no efeito dinamizador que tais textos exerceram em toda a Igreja Latino-americana. Medellín converte-se numa experiência catalisadora que reúne a vitalidade e as inquietações dos núcleos cristãos mais ativos e comprometidos, submetendo-as ao processo de reflexão e sistematização.

Era preciso responder aos desafios procedentes da realidade continental expressos pela pobreza estrutural e do pluralismo cultural e religioso, como comenta Tamayo (2018). Em contrapartida, a preocupação europeia estava vinculada ao ateísmo e indiferença religiosa, como apresenta Farias (2020). A partir de Medellín, nos anos 70, a teologia da libertação ganhou substância marcando um expoente para o continente. O termo foi cunhado por Gustavo Gutiérrez em uma palestra no Peru (1968), por isso reconhecido como pai dessa teologia. Mais tarde, em 1969 na Suíça, ganhou corpo e tornou-se o primeiro tratado sistemático da Teologia da Libertação, como apresenta Farias (2020).

Boff (2015), apresenta a teologia da libertação como um método indutivo que parte da realidade para olhá-la à luz das Escrituras e da Tradição Católica, assim como já apontavam alguns teólogos no CVII. Farias (2020) comenta a teoria de Mifsud demonstrando a teologia da libertação como a incorporação da análise social dentro da reflexão teológica e assume o pobre como lugar teológico, surgindo a opção preferencial pelo pobre. Na carta aos bispos do Brasil, João Paulo II (1986) afirma que a teologia da libertação é necessária pois quebra a distância entre reflexão teológica, fé e vida.

Em 1979, Paulo VI convoca a Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, chamada de Puebla, porém foi João Paulo II quem a realizou. Essa reunião

deveria ter como pano de fundo a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975) e ponto de partida a conferência de Medellín. O Papa João Paulo II (1979) expressou sua preocupação no discurso de abertura quando buscou um equilíbrio dizendo da importância do evento: “com tudo o que tem de positivo, mas sem ignorar as incorretas interpretações por vezes feitas e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e claras tomadas de posição”. Essa fala demonstrava os efeitos positivos e negativos dessa nova proposta teológica na América Latina que geravam inquietações dentro da Igreja.

Farias (2020) destaca três pontos importantes em Puebla a começar pela situação pecaminosa da sociedade que acentua a desigualdade financeira, depois a necessidade de conversão a Jesus Cristo que se torna base da evangelização, e por fim a construção do reino de Deus como objetivo de transformação pessoal e comunitária. Toda espécie de injustiça social foi o foco das discussões, em vista da discordância com o Evangelho de Jesus, sendo a justiça a marca da caridade. O autor ainda comenta que a terceira conferência ocorreu de modo mais organizado e propriamente mais episcopal/magisterial.

Quinze anos depois, em 1992, ocorreu a Conferência de Santo Domingo na República Dominicana. João Paulo II convocou-a sob o tema: “Nova evangelização, Promoção humana, Cultura Cristã”. O objetivo era retomar e aprofundar as orientações de Medellín e Puebla, além de pensar novas estratégias de evangelização para responder os desafios daquele período. A América Latina via a reviravolta dos regimes militares para sistemas políticos mais democráticos, contudo a exploração do povo e as desigualdades sociais se intensificaram.

A mensagem da Conferência de Santo Domingo, realizada no ano de 1992 (2004, p.619-620) afirmada pela conferência foi expressa desse modo:

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano quis traçar as linhas fundamentais de um novo impulso evangelizador, que ponha Cristo no coração e nos lábios, na ação e na vida de todos os latino-americanos. É esta a nossa tarefa: fazer com que a verdade sobre Cristo, a Igreja e o homem penetre mais profundamente em todas as camadas da sociedade, em busca da sua progressiva transformação.

Nessa conferência ocorreram mudanças significativas a partir das reviravoltas metodológicas. Foi tirado o método ver-julgar-agir e tomou-se como ponto de partida a afirmação da profissão de fé cristológica como essencial. Deslocou-se o foco da teologia

da libertação como eixo ético central para os problemas de inculturação do evangelho. Libanio (2007, p.32) afirma que “deslocou-se o eixo crítico-social para o cultural, diminuindo o impacto da opção pelos pobres e pela libertação”.

Em virtude das inversões, muitos teólogos regionais viram nessa conferência uma descontinuidade em relação às outras. Contudo uma das mais belas conclusões foi a de que os maiores problemas sociais vem da divergência entre a fé professada e a vida vivida. Mesmo reafirmando o compromisso com os pobres, quis enfatizar o problema da fé e da inculturação do Evangelho, tudo isso será retomado e reforçado pela próxima conferência. Libanio (2007) vê essa conferência como um evento controlado e observado pela hierarquia romana, tendo uma atenção especial por parte da cúria.

Em continuidade a conferência de Aparecida, em 2007, foi convocada pelo Papa Bento XVI no Brasil. Seu tema apresentou-se como “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. Farias (2020) apresenta Aparecida como uma oportunidade para entender que o catolicismo não é um código moral e ético, nem mesmo uma doutrina, e sim um encontro com a pessoa de Jesus Cristo vivo. A partir dessa experiência com Jesus tudo pode ser transformado. As realidades de pobreza e desigualdades são importantes, porém o mais importante e primário, antecedente a isso, é a experiência com Jesus, o surgimento da fé. A partir disso, surgirão as resoluções dos demais problemas, uma fé posta em prática.

A V conferência (2007) apontou três problemas a começar pela mudança do panorama político juntamente com uma cultura anti cristã e a oferta de novas possibilidades religiosas como resposta social. Esse contexto democrático demonstra ainda hoje uma perspectiva multi religiosa que perpassa o território latino, algo próprio da identidade local multicultural e plural. A mensagem final da conferência (2007, p.1033 e 1037) apresenta o otimismo e a esperança do episcopado local:

Diante dos desafios que nos propõe esta nova época em que estamos imersos, renovamos a nossa fé, proclamando com alegria a todos os homens e mulheres do nosso continente: Somos amados e remidos em Jesus, Filho de Deus, o Ressuscitado vivo no meio de nós; por Ele podemos ser livres do pecado, de toda a escravidão e viver em justiça e fraternidade. Jesus é o caminho que nos permite descobrir a verdade e alcançar a plena realização de nossa vida! [...] Em Medellín e em Puebla terminamos dizendo: “cremos”. Em Aparecida, como fizemos em Santo Domingo, proclamamos com todas as nossas forças: Cremos e esperamos.

2.2 A Teologia do Povo na América Latina

Diante de uma teologia latino americana a corrente de maior destaque, além dos documentos magisteriais das conferências já citadas, é a teologia da libertação, sem dúvidas. Essa seria a grande influenciadora na região e a que ganhou maior evidência mundial. Contudo deve-se tratar o assunto não como uma teologia geral e isolada, mas como “teologias da libertação”, ou seja, sob várias formas. Dessa maneira, Segundo (1974) distingue quatro correntes dentro da teologia da libertação, uma delas a “teologia argentina do povo”.

Tratar como teologias é perceber as diferenças de métodos e de experiências, assim como exposto por Boff (2015), no capítulo anterior. Em consonância, Scannone (2019, p.32-33) também difere em seu trabalho teológico os ramos da teologia da libertação:

a utilização da análise histórico-cultural, preferida à análise sociocultural, sem por isso eliminar a última; o seu emprego, como mediação para conhecer e transformar a realidade, de ciências mais sintéticas e hermenêuticas como a história, a cultura e a religião, que servem para completar ciências mais analíticas e estruturais; o enraizamento dessas mediações científicas num conceito sapiencial e num discernimento por conaturalidade afetiva que os confirmem; um afastamento crítico em relação ao método marxista de análise social, bem como a estratégias de ação e a categorias de compreensão correspondentes a ele.

A inversão do método transforma-a em uma nova corrente, como frisado, partindo de uma análise mais histórico-cultural. Schrijver (1998) comenta o fato de um encontro na faculdade de Louvain (Bélgica) para tratar da inversão de paradigma na teologia da libertação, de socioeconômico para cultural. Para Scannone (2019, p.35): “Em minha opinião, houve aí uma fecundação recíproca entre as diferentes abordagens, e isso para o maior bem do povo latino-americano e de sua libertação, bem como para o crescimento da teologia em nossa América”.

Desse modo, dentro da corrente libertária aparece a Teologia do Povo ou da Cultura, conhecida também como teologia argentina. Scannone (2019) apresenta esse novo método teológico, nascente na Argentina com Lucio Gera chamado de pai da Teologia do Povo, a partir do CVII. Para ele, mesmo havendo uma teologia argentina anterior ao concílio, os grandes acontecimentos se dão nele, a começar por dois fatos importantes: Reunião de peritos latinos em Roma; E um encontro de teólogos latinos na faculdade franciscana de Petrópolis (RJ, 1964), já citada no subcapítulo 2.1.

Após a conferência de Gutiérrez, em 1968, usando o termo “teologia da libertação” e , pela primeira vez, e a Igreja assumindo-o na Conferência de Medellín, o conceito também foi adotado por Gera e pela Comissão Episcopal Pastoral (criada na Argentina para cumprir o plano pastoral do CVII). Para Scannone (2019, p.24) “essa comissão foi precisamente o lugar de nascimento da teologia argentina do povo; ela marcou já de maneira sensível a Declaração do Episcopado Argentino em San Miguel (1969)”. Scannone (2019) ainda acena para dois outros teólogos que influenciaram em grande porte o movimento, Justino O’Farrell e Tello. Eram professores da Faculdade de Buenos Aires, e de modo particular O’Farrell também tinha ligação com a COEPAL (Comissão Episcopal Pastoral), e por isso atuava influenciando a teologia local.

Para Scannone (2019) esses fatores distanciaram essa teologia argentina das correntes liberalistas e marxistas. Reforçou-se o conceito do Povo de Deus, apresentado pelo concílio mediante as categorias bíblicas. A categoria de Povo foi usada pela COEPAL sob a ótica povo-nação e não como classes populares, como Scannone explica (2019, p.26) que “compreende-se a partir da unidade plural de uma cultura, enraizada numa história comum e no projeto para um bem comum compartilhado”, diferente do modo marxista de usá-lo. Dessa maneira, Puebla (1979) apresenta o fato de que os pobres são os grandes portadores da cultura e da história na América Latina. Assim, ocorre outro grande ponto da teologia latina: Opção preferencial pelos pobres, apresentada em Medellín e Puebla. Evangelizar a cultura e os povos coincide com essa realidade dos pobres porque são os detentores e mantenedores da cultura local.

Scannone (2019, p.27) acrescenta que “o povo não é compreendido tanto a partir do território ou da classe social como a partir da cultura como ‘estilo de vida comum do povo’”. O tema da cultura tem tamanha relevância nessa teologia Argentina por ser retirado do n.53 da *Gaudium et spes* assim como o n.386 do Documento de Puebla (DP). Na Argentina procurou-se reforçar a ideia de unidade do povo, a partir do conceito de “povo de Deus” fundamentado na eclesiologia conciliar (LG), como Scannone (2019, p. 28) expressa:

Ela não pensa a luta de classes como determinante e não considera a unidade somente como a sua resolução futura ou escatológica, numa sociedade sem classe; isso não impede que se conceda o seu lugar histórico ao conflito concebendo-o a partir de uma unidade prévia do povo. Por isso essa teologia reconhece tanto a “situação de pecado” que o subcontinente latino-americano vive como os inumeráveis “pecados estruturais” que lhe dão a sua configuração.

As ideias apresentadas são claras e reforçadas pelo Documento de Puebla (n.444) “trata-se da forma ou da existência cultural que a religião adota em um povo determinado”, ou ainda na *Evangelii Gaudium* (n. 48) “esta religião do povo é vivida de preferência pelos ‘pobres e simples’”. Por isso, segundo os documentos magisteriais, evangelizar os pobres na América Latina é evangelizar a cultura, transformá-la, e isso acarreta essa opção preferencial. Scannone (2019) diz que a linha teológica argentina assumiu, segundo DP 413 e 448, a categoria de “sabedoria popular”. Esta reforça um conhecimento popular confirmando a existência de uma sabedoria do povo, sem substituir o conhecimento científico, sendo uma chave entre a piedade popular e uma teologia inculturada.

Outro ponto em questão, que se soma às bases da teologia argentina e faz consonância com a teologia da libertação, em geral, é o método ver-julgar-agir. A importância desse método e sua contribuição para a teologia é expressa na maioria dos autores da libertação, pois tem como ponto de partida a realidade e os acontecimentos, assim como o movimento da ação prática (práxis). Boff (2015) apresenta esse pensamento como o grande contributo da teologia latino-americana, para ele a teologia é uma ciência dupla teórico-prática e prático-teórica. A escola tomista trouxe o grande arcabouço prático, enquanto a escola franciscana mais o afetivo, e a Teologia da libertação complementou com a práxis. Para Boff (2015, p.396) “Teologiza-se para conhecer, conhece-se para amar e ama-se para praticar”.

Scannone (2019) percebe que a teologia do povo cresceu e já apresenta algumas gerações de teólogos como Carlos Galli, Orlando Yorio, González e outros. Ainda vê esse movimento em construção e desenvolvimento, mas com oportunas contribuições atuais. Os contributos estão no aspecto da eclesiologia, piedade popular e evangelização da cultura, inculturação. Dentro dessas contribuições, Scannone julga ser a mais importante, a tese de doutorado de Carlos Galli tendo sua visão de Povo de Deus como povo de povos. Depois percebe a questão da mediação entre a sabedoria popular, as outras ciências e tecnologias modernas. Por fim, ressalta a religiosidade popular em meio ao grande movimento social de neocomunitarismo, dando exemplos das comunidades eclesiais de base, círculos bíblicos, grupos carismáticos de oração e peregrinações. Tudo isso é levado e ressaltado por esse estilo teológico.

A figura de Scannone começa a ganhar destaque, assim como a teologia argentina a partir da eleição papal de Bergoglio. A apresentação de quem é o padre Scannone vem do L'Osservatore Romano (03/04/2013):

O padre Scannone tem 84 anos. É o diretor do Instituto de Investigação Filosófica da Faculdade de Teologia e Filosofia de San Miguel. A mesma faculdade da qual o Papa Francisco foi reitor entre 1980 e 1986 [...] "Ele era meu aluno de grego e literatura no seminário", diz o padre Scannone. "Eu não lhe ensinei latim como alguns jornais noticiaram nestes dias. Bergoglio, à época, já era formado. Veio ao seminário para estudar matérias humanísticas. Mas ele foi o meu pai espiritual, o meu reitor, o meu provincial, e por isso tínhamos muita relação".

Outra apresentação do autor, com seu *curriculum*, vem pelo Sítio MissiOnline republicada no Instituto Humanitas Unisinos (SCANNONE, 2013):

Filósofo e teólogo próximo do ramo argentino da teologia da libertação, a chamada Teología del Pueblo, o padre Juan Carlos Scannone, jesuíta, é um personagem de destaque no panorama intelectual católico do Cone Sul. Discípulo de Karl Rahner, ele participou como protagonista da evolução do intenso debate pós-conciliar da América Latina. Professor universitário, é autor de inúmeros livros e artigos relevantes. Encontramo-lo no Colégio Máximo de San Miguel, onde vive, nos arredores de Buenos Aires.

Tendo influenciado um povo e seu pensamento perdurado nos demais teólogos do Povo, foi reconhecido em seu falecimento com o comunicado da comunidade jesuíta, a qual ele pertencia. A mensagem de falecimento, aos 88 anos de idade na Argentina, veio através do Twitter de sua congregação religiosa, os Jesuítas (@JesuitasARU, 2019), com os seguintes termos:

Lamentamos informar sobre a partida à casa do Pai do Padre Juan Carlos Scannone SJ. Grato a Deus pela sua vida e vocação, pela dedicação e reflexão que enriqueceram a filosofia e a teologia latino-americanas. Caro Juan Carlos, descanse em paz.

Apesar de sua morte, a construção dessa teologia permanece nos teólogos argentinos atuais, além de sua incorporação no magistério universal do Papa Francisco, marcando a história da Igreja. É preciso debruçar-se sobre esse método para melhor compreender os movimentos e avanços eclesiais atuais.

2.3 Juan Carlos Scannone como expoente da Teologia do Povo

O pensamento de Scannone (2019) tem como base três afirmações: A opção preferencial pelos pobres como categoria teológica; a piedade popular como *locus theologicus*; a inculturação da teologia. Dentro desse panorama, o autor tem a visão de que estas afirmações não servem somente para o povo argentino, ou para a América latina e sim para uma teologia universal. Ou seja, são contributos para a evangelização dos povos em geral e do surgimento de teologias específicas (continentais). Seria o estímulo para que outros continentes também desenvolvessem sua própria teologia dentro do corpo da Igreja.

O decreto *Ad gentes* (1965, n.22), do Concílio Vaticano II, afirma:

É necessário que, em cada grande território sociocultural, se estimule uma reflexão teológica tal que, à luz da Tradição da Igreja universal, as ações e as palavras reveladas por Deus, consignadas na Sagrada Escritura, e explicadas pelos Padres da Igreja e pelo magistério, sejam sempre de novo investigadas. Assim se entenderá mais claramente o processo de tornar a fé inteligível, tendo em conta a filosofia ou a sabedoria dos povos, e a maneira de os costumes, o sentido da vida e a ordem social poderem concordar com a moral manifestada pela revelação divina.

Esse foi o esforço de desenvolvimento na Argentina, fruto de um trabalho que não é mera especulação teológica, mas uma vivência experienciada no contexto histórico, como citado acima também servindo de exemplo para o panorama universal. É importante perceber a história social e política da região que mesmo em meio às crises soube fortalecer seu aspecto cultural e religioso, que encontrou na conferência de Medellín seu ápice. Uma sociedade que passou pelo movimento peronista (1973), violências terroristas (1976), guerra das Maldivas (1982), neoliberalismo de Menem (1983), pelas crises econômicas (2001), pela atuação de Néstor Kirchner (2007) e que continua hoje em construção e reconstrução.

Em meio a essas turbulências a pastoral popular iniciou um processo que trouxe a práxis pastoral para mais perto do povo e de sua piedade. Ali a igreja argentina se fortaleceu vivendo em meio ao povo, para assim não pensar somente em mais uma pastoral para o povo e sim desde o povo, do meio do povo. O aprendizado dos pastores mudou as suas perspectivas e entendimentos trazendo de volta as vocações e reavivando a Igreja. Essa pastoral preparou o terreno para que surgissem as propostas de Medellín (1968). Desse modo, a pastoral popular teve sua confirmação eclesial no

Documento de São Miguel (1969), em particular no documento 6. Consequentemente, esse movimento desembocou nos capítulos de Puebla (1979) sobre a evangelização da cultura. Esse foi o processo de surgimento teológico nacional.

O primeiro passo para compreender essa teologia, e método pastoral, é pensar o conceito de “povo”. Essa expressão diferencia-se de uma nação que refere-se a um território político, porém a teologia argentina valoriza o pensamento de povo que para Scannone (2019, p.87) é compreendido “como sujeito comunitário de uma história e de uma cultura”. De uma história porque vive o contexto histórico conjunto, em comunidade, e de uma cultura porque vive um estilo de vida comum, buscando mesmo que involuntariamente um bem comum, isso deve-se caracterizar por um povo. Ao olhar de modo geral percebe-se que os sujeitos que vivem essa estrutura, povo-nação, são justamente os pobres, trabalhadores, os populares. São eles que preservam os valores, e são os capazes de solidariedade.

Por isso o discernimento de “povo” e “não-povo” se dá pelo viés ético e histórico, e não pela cidadania, residência ou estrutura de classes. A busca pelo bem comum, pelo sentido da vida em sociedade acontece nesse ambiente, assim como a religiosidade que marca o perfil popular. O sentido da religiosidade se dá em meio ao povo, sendo que a igreja está, permanece e perdura no povo, e por isso a revelação divina acontece. O catolicismo marca a América latina como forma de cultura e demonstra a forma de viver e pensar a vida por parte de seu povo. Portanto, percebe-se nessa estrutura o povo como lugar teológico, lugar da manifestação do sagrado assim como no “povo de Israel”.

O desafio se encontra em perceber a cultura popular, perceber a sabedoria popular, e recolher seu modo de experiência com Deus, tornar essa experiência em teologia local, observar a manifestação de Deus em meio ao povo. Muitas filosofias já reconhecem o conhecimento popular como verdadeiro abrindo espaço para que esse mesmo conhecimento se torne também aspecto teológico. É preciso notar que esse modo de perceber o povo se torna diferente do modo de classes, tem ênfase e foco não na luta social, mas na cultura e comportamento humano que não exclui os reveses políticos. Nesse sentido Scannone (2019) critica Leonardo Boff ao apontar o perigo de querer ser “povo” primeiramente, para depois tornar-se “povo de Deus”, assim como o estímulo na luta de classes que pode ser transferida para a hierarquia da Igreja e o povo de Deus.

Scannone (2019, p.97) afirma:

é a fé que fornece os últimos critérios teológicos e pastorais. Porque é a própria teologia que deve discernir, à luz da Revelação, as contribuições das mediações que lhe servem de instrumento tanto para a leitura teológica das realidades sociais como para a inteligência da própria fé, bem como para a práxis pastoral e social inspirada no Evangelho.

O movimento teológico argentino vai na contramão desse processo, valorizando em primazia a fé e o movimento de tornar-se primeiramente povo de Deus. Esse método trata de uma análise sociocultural à luz da Palavra de Deus, em um contexto histórico, servindo-se da sabedoria popular para mediar a inculturação teológica, tornando assim tanto sabedoria como ciência. Tudo isso para que em cada povo o Evangelho seja mais inteligível, melhor acolhido e vivido.

A Conferência de Puebla teve como pauta central a evangelização da cultura, aos moldes da exortação *Evangelii nuntiandi*, surgindo a valorização da religiosidade popular. Ou seja, uma sabedoria fruto de experiência de fé do povo, uma experiência pré-filosófica e pré-teológica, algo de “*per connaturalitatem*”, um “instinto evangélico” fora do plano formal reflexivo como aponta João Paulo II em Puebla. O próprio Karl Rahner (1979) aponta essa fé popular como uma comunicação primitiva mais essencial e diretamente ligada a Deus, pois não passa pela rede de categorizações e sistematizações teológicas, uma fé pura.

Para que essas experiências particulares, culturais, tornem-se universais é preciso levar em conta alguns critérios. O primeiro ponto notado vem da percepção de que a sabedoria popular se manifesta mais claramente nos pobres e simples, nestes aparecem a universalidade humana com mais evidência por partilharem dos sofrimentos próprios e comuns. Nesses termos, o critério último não é meramente social, mas sim evangélico nos rumos de Cristo pobre e suas bem-aventuranças, o que demonstra uma abertura verdadeira para Deus. Aqui está um humanismo efetivo e cheio de valores, sentido, símbolos e crenças comuns, por isso universais.

Um bom exemplo é a afirmação de João Paulo II sobre a expressão de piedade marial na América Latina, sendo um traço da identidade cultural deste povo. Essa expressão sai do nível de conteúdos sistemáticos e abrangem a população no campo simbólico pré-reflexivo, interno ao homem e a população local. Apresenta-se as várias titulações de Maria, principalmente Nossa Senhora de Guadalupe em sua imagem toda miscigenada. Logo, sempre aparecerá a figura mariana em uma teologia latino

americana. O teólogo ao observar esses aspectos se abre para o “*sensus fidei*” levando em conta como o povo de Deus se expressa e acolhe a revelação divina, tudo isso em discernimento com o Magistério e a Palavra de Deus.

Clodovis Boff (1980) expressa essa relação entre teólogo e povo não nas oposições “saber-ignorância”, “saber vulgar- saber científico”, “saber implícito- saber explícito”, e sim no diálogo entre sabedoria de vida e ciência objetiva para formular uma teologia particular e local, inculturada. Percebe-se, então, que o teólogo faz teologia a partir de sua realidade e portanto toda teologia tem um caráter coletivo. Não há teologia fora de contexto ou de realidade vivida. Ele é um intérprete no interior do seu povo.

A consequência disso torna-se o entendimento de que o saber científico não é o único e nem mesmo expressa a totalidade do conhecimento humano, esse ultrapassa a ciência ao notar tantos outros pontos como a própria fé. Obviamente a história também torna-se baliza de discernimento desse conhecimento que perdura no tempo ou não, enraíza-se na sociedade ou não. O próprio povo de Deus, o Israel, iniciou sua descoberta pela fé e não pela ciência, que no decorrer do tempo se afirmou e desabrochou em características peculiares de uma sociedade, uma cultura própria a partir da experiência religiosa. Scannone (2019, p.116) comenta o documento de Puebla dessa maneira:

Pode-se situar na mesma linha de renovação epistemológica a reacentuação do “senso da fé” do povo crente como critério e locus theologicus, bem como a importância reconhecida ao conhecimento “não somente por via científica, mas pela capacidade conatural de compreensão afetiva” característica do povo de Deus em sua relação com os povos e com o movimento geral da cultura (DP 397). Isso corresponde também à “síntese vital” entre “inteligência e afetividade” (DP 448) que Puebla reconhece na sabedoria popular latino-americana, bem como à sua cultura “especialmente marcada pelo coração e suas intenções”, que se exprime “não tanto nas categorias e na organização mental características das ciências, mas nas artes plásticas, na piedade que se faz vida e nos espaços de convivência solidária” (DP 414).

Dessa maneira, existe um ethos cultural no povo, um modo de viver e expressar-se, um sentido de vida coletivo que visto sob a ótica cristã, uma sabedoria cristã popular, demonstra uma racionalidade teológica, um logos teologal. Seria um aspecto do evangelho encarnado no povo, no agir e viver daquele povo, e por ser histórico continua em abertura para desenvolver-se. Esse ethos possui universalidade porque remete ao *logos* eterno, Cristo Verbo encarnado. Essa sabedoria torna-se universal e expressão para outros povos, quando não um ethos comum ou ao menos um ethos almejado em vista dos valores cristãos.

Esse novo modo de olhar e abordar as realidades teológicas abrem-se a fecundidade nos seguintes níveis segundo Scannone (2019, p.160):

teológico-fundamental de uma hermenêutica teológica; teológico-dogmático de uma releitura teológica dos principais mistérios da fé, a partir de uma situação histórico-cultural determinada; de uma teologia da história ou da ação e da paixão históricas.

O autor quer expressar o valor dessa teologia e o quanto ela pode desenvolver-se dando frutos de diálogos e releituras em diversos aspectos da ciência teológica. Scannone (2019, p.161) sintetiza seu pensamento dessa maneira:

Essa perspectiva supõe que o povo de Deus concreto, aqui e agora, é sujeito de sabedoria teologal e de um senso da fé que tende a inculturar-se, mas em comunhão com o povo de Deus universal e com a tradição universal da Igreja. Ora, essa sabedoria teologal pode articular-se de forma reflexiva, crítica e metódica, em ciência teológica.

Isso não implica exprimir uma nova verdade mas coloca a verdade já revelada sob novo aspecto de linguagem compreensível para aquele povo, dá novo acento ou modalidade de crer, traz novo movimento hermenêutico, assim atualiza-se, como explica Scannone (2019). Desse modo, a mensagem de Cristo permanece sempre nova e atual, atingindo seu objetivo de eternidade e seu caráter universal (católico), um evangelho para todos os povos.

A teologia da libertação ampliou o entendimento do que é a teologia, não somente como sabedoria ou ciência, mas também reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra de Deus como afirma Gutiérrez (2000). Em continuidade a teologia do povo afirma o caráter ativo do povo em produzir teologia, o povo é também sujeito da teologia e não só receptor desta. A teologia nasce em meio ao povo e ali se desenvolve. A sabedoria popular já é a semente do Verbo, como refere-se o Documento de Puebla (n. 401,451), assim como torna-se fruto do Verbo, ou seja Palavra encarnada, evangelho encarnado. O documento *Ad gentes* (1965, 22) expressa: “Assim se entenderá mais claramente o processo de tornar a fé inteligível, tendo em conta a filosofia ou a sabedoria dos povos”.

Scannone (2019, p.169-170) inspira-se em Tomás de Aquino dizendo: “O par tomista *revelabile-manductio* nos inspirou porque compreende a unidade noética entre fé e razão... trata-se de uma racionalidade sapiencial”. O povo de Deus também procura

ensinar a fé, com seu modo simples transmite a sua experiência com o Senhor. Isso gera a teologia popular. A partir da Palavra de Deus, da experiência do povo e da religiosidade popular essa teologia vai ganhando forma e consciência. O povo torna-se evangelizador com um discurso sapiencial, um modo hermenêutico, não científico, mas vivencial.

Nesse sentido Scannone (2019, p.174) caracteriza o que torna propriamente a teologia ciência, distinguindo-se dessa teologia sapiencial:

Em primeiro lugar, trata-se de um discurso teórico, cujo mundo de significados foi objetivado de maneira reflexiva, explicitado de maneira analítica, definido de maneira conceitual e ligado de maneira sistemática. Em segundo lugar, não apenas tem regras, mas se trata de um discurso cuja reflexividade crítica é metódica e tende, portanto, a controlar a si mesma. Enfim, a sua articulação é aumentada e sujeita a uma crítica consciente de si: não se contenta em discutir, julgar e discernir de maneira racional, mas sabe por que o faz e pode dar razão disso de forma metódica e sistemática.

De fato, essa estrutura não corresponde a teologia popular, mas o que se refere é que nem uma nem outra devem ser desprezadas. Na verdade, o fato é que a estrutura popular tem sido pouco considerada devendo receber mais atenção por parte das estruturas, essa é a proposta da teologia do povo em valorizar o povo como sujeito teológico. Tudo que vem do povo tende a ser considerado como ignorante ou privado de conhecimento, o que na realidade não é verdadeiro. Scannone (2019) não vê o saber popular simplesmente como pré-científico ou intra-científico, vai além. Ele prevê uma interação mútua de saberes, cada qual dando o seu contributo e ocupando o seu lugar. “Cada um tem sua função insubstituível na teologia como momento interno da Igreja e como tarefa e carisma legítimos nela” (2019, p.176).

A sabedoria popular religiosa ocupa uma terceira dimensão de avaliação e discernimento, levando em conta a teologia científica e o magistério da Igreja. É um modo de averiguar na prática o que está acontecendo no povo de Deus, como este povo vive e responde às exigências da vida, está intimamente ligada ao cotidiano da vida. Além disso, esse modo de conhecimento serve de crítica aos acadêmicos e aos conceitualismos desencarnados, é uma chamada à realidade. Pede que os acadêmicos traduzam a sua linguagem a fim de comunicar a teologia a todos, alcançar os mais necessitados do conhecimento, assim retoma o conceito e baliza próprios da conaturalidade teológica.

Esse modo de pensar gera uma nova união e relação entre os “teólogos profissionais” e sabedoria popular, um diálogo fundamental que tornado universal constitui-se como uma teologia para todos os povos. Por isso, a teologia do povo é um novo mover metodológico e crítico, totalmente concreto e realista.

3. A TEOLOGIA DO POVO NA VISÃO DO PAPA FRANCISCO

A grande referência e destaque da Teologia do Povo tornou-se o Papa Francisco por sua importância magisterial, desse modo é preciso perceber sua vida e atuação, assim como analisar os conceitos de sua carta programática e os movimentos sinodais.

3.1 Biografia do Papa Francisco

Jorge Mario Bergoglio, nasceu em Buenos Aires (Argentina) em 17 de dezembro de 1936, filho de emigrantes piemonteses: o seu pai Mário trabalhava como contabilista

no caminho de ferro; e a sua mãe Regina Sivori ocupava-se da casa e da educação dos cinco filhos. Antes de ser padre, formou-se técnico químico, e adentrando a Companhia de Jesus foi professor de literatura, psicologia e depois teologia. Somente em 1969 foi ordenado padre, e em 1973 fez seus votos perpétuos nos Jesuítas.

Além de sua carreira acadêmica, ocupou o cargo de provincial jesuíta, reitor de faculdade, pároco, diretor espiritual e confessor. Fez seu doutorado na Alemanha em 1986, até que em 1992 João Paulo II o convocou para o bispado como titular da Auca e auxiliar de Buenos Aires. Como lema, escolheu *Miserando atque eligendo* e no seu brasão inseriu o cristograma *IHS*, símbolo da Companhia de Jesus. Logo em 3 de Junho de 1997, foi promovido arcebispo coadjutor de Buenos Aires e em 1998 como arcebispo, primaz da Argentina e ordinário para os fiéis de rito oriental residentes no país e desprovidos de ordinário do próprio rito. Três anos mais tarde, no Consistório de 21 de Fevereiro de 2001, João Paulo II criou-o cardeal, atribuindo-lhe o título de São Roberto Belarmino.

Em 2005 tornou-se presidente da Conferência Episcopal da Argentina, sendo que neste mesmo ano participou do Conclave no qual Bento XVI fora eleito. Até ao início da sede vacante foi membro das Congregações para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para o Clero, para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; do Pontifício Conselho para a Família, e da Pontifícia Comissão para a América Latina. Evidencia-se sua atuação essencial no documento de Aparecida em 2007.

Já marcando história na América Latina, tornou-se mais evidente com sua eleição ao papado em 2013, sendo o 226º sucessor de Pedro. Sendo assim, o primeiro Bispo de Roma a ser membro da Companhia de Jesus (Jesuítas), o primeiro das Américas, o primeiro do Hemisfério Sul, e o primeiro nascido ou criado fora da Europa desde o papado do século VIII do Papa Gregório III, também o primeiro a usar o nome de Francisco. Em sua primeira saudação, em 13 de março de 2013, disse:

Irmãos e irmãs, boa noite! Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo... Eis-me aqui! Agradeço-vos o acolhimento: a comunidade diocesana de Roma tem o seu Bispo. Obrigado! E, antes de mais nada, quero fazer uma oração pelo nosso Bispo Emérito Bento XVI. Rezemos todos juntos por ele, para que o Senhor o abençoe e Nossa Senhora o guarde.

Em seguida demonstrou grande humildade ao pedir orações por si e por seu pontificado. O site do Vaticano explica que o lema papal foi tirado das Homilias de São

Beda o Venerável, sacerdote (*Hom. 21; CCL 1, 22, 149-151*), que comenta a vocação de São Mateus, escrevendo: «*Vidit ergo Iesus publicanum et quia miserando atque eligendo vidit, ait illi Sequere me*» (Viu Jesus um publicano e dado que olhou para ele com sentimento de amor e o escolheu, disse-lhe: Segue-me). Esta seria uma homenagem à misericórdia divina, que também foi reproduzida na Liturgia das Horas da festa de São Mateus. Ela tem um significado particular e espiritual para o papa, pois na festa de São Mateus, do ano de 1953, ele, com 17 anos, fez sua experiência pessoal com Deus. Depois de uma confissão pode sentir a misericórdia de Deus, e por conseguinte o chamado à vida religiosa, seguindo santo Inácio de Loyola.

Sobre a escolha de seu nome papal, o próprio relata em uma audiência com os jornalistas, em 2013:

Alguns não sabiam por que o Bispo de Roma se quis chamar Francisco. Alguns pensaram em Francisco Xavier, em Francisco de Sales, e também em Francisco de Assis. Deixai que vos conte como se passaram as coisas. Na eleição, tinha ao meu lado o Cardeal Cláudio Hummes, o arcebispo emérito de São Paulo e também prefeito emérito da Congregação para o Clero: um grande amigo, um grande amigo! Quando o caso começava a tornar-se um pouco «perigoso», ele animava-me. E quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso, porque foi eleito o Papa. Ele abraçou-me, beijou-me e disse-me: «Não te esqueças dos pobres!» E aquela palavra gravou-se-me na cabeça: os pobres, os pobres. Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis. Em seguida pensei nas guerras, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos. E Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis.

Todos esses acontecimentos já demonstravam as características muito peculiares de um papa latino americano, assim como apontavam para o que seria seu magistério, que se confirma na atualidade. Seus princípios genuinamente enraizados na teologia do povo e da América latina.

3.2 Evangelii Gaudium: Um programa de pontificado

A teologia do povo torna-se evidentemente importante para a história, e necessita ser conhecida, estudada, a partir de seu conteúdo, porém com a eleição de Bergoglio esta ganhará ênfase. O que era uma teologia latino americana torna-se, então, teologia universal através do magistério do novo papa. Ao assumir seu posto, não nega suas origens e pensamentos, mas usa-os para contribuir com o todo do contexto atual. A

grande evidência desse fato é a sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), que demonstra seu roteiro de atuação pastoral, o que chama-se comumente de carta programática.

O documento foi publicado em 24 de novembro de 2013, ano da eleição papal, e contém cinco capítulos, a saber: A transformação missionária da Igreja; Na crise do compromisso comunitário; O anúncio do evangelho; A dimensão social da evangelização; Evangelizadores com Espírito. Como de costume tradicional na Igreja, encerra-se com um breve comentário mariano seguido de uma oração também mariana, tendo ela como exemplo de evangelização.

Ao analisar seu conteúdo nota-se que é evidentemente pautada na Teologia do Povo, diante de seus conceitos e propostas, evidenciando sempre a formação do “povo de Deus” e seus desafios contemporâneos. Portanto, é necessário tomar consciência desse conteúdo e lê-lo com mais entendimento por meio das raízes teológicas do papa. Seus gestos e discursos, são puramente enraizados nesse pensamento demonstrando uma teologia aplicada, encarnada, assim como ela mesmo o pede. Francisco inicia seu pontificado pedindo orações ao povo de Deus, visita e dialoga com líderes de outras religiões, evidencia a piedade popular através de suas visitas e orações aos templos marianos e assim por diante traça seu percurso pastoral.

O primeiro conceito a ser evidenciado é a questão do *sensus fidei*, que valoriza o povo fiel e o trás para acrescentar caminhos na Igreja assim como relata a EG 119:

Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé - o *sensus fidei* - que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus. A presença do Espírito confere aos cristãos certa conaturalidade com as realidades divinas e uma sabedoria que lhes permite captá-las intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão.

O povo é capaz de captar a ação divina, sente, tem fé e sabe o que vem de Deus, desse modo também em seus gestos e ações revela o caminho a ser seguido. Afirmar isso é ao mesmo tempo dar voz aos leigos, dar capacidade de opinar, de expressar-se. Apesar da diversidade das pessoas e dos povos, todos eles trazem uma teologia em si, uma faceta do poliedro da fé que revela algo novo sobre Deus ou reafirma o já conhecido. Por isso, é tão importante fomentar e construir um povo, pois tem um objetivo comum, como afirma EG 220: “os habitantes desenvolvem a dimensão social da sua vida,

configurando-se como cidadãos responsáveis dentro de um povo e não como massa arrastada...”.

Diante disso, o papa reconhece as tensões em meio às adversidades de pessoas, de povos, de culturas, mas procura harmonizá-las. Isso é uma realidade constante em uma América latina miscigenada, de diferentes povos e civilizações. Desse modo, procura avançar para um nível superior de diálogo e fecundidade de pensamento, EG 236:

o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade [...] É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos.

Tal obra é fonte e ação do Espírito Santo de Deus que harmoniza e faz suscitar a novidade com sua riqueza de dons, Ele é o amor do Pai com o Filho, como afirma o Papa na EG 117. As diferenças que unem e dialogam é a meta para o crescimento e desenvolvimento do povo de Deus. Essa proposta está cheia de esperança e otimismo cristão, mas ao mesmo tempo é realista e concreta, não é ingênua porque sabe dos conflitos e não foge deles, nem os ignora.

O termo central de todo o processo é a formação do povo, construir um povo, fortalecer e viver como povo, essa é a meta da evangelização e ação. O fato é que não basta ser um aglomerado de pessoas para se designar povo e sim uma busca constante de bem comum, de viver e agir juntos segundo uma cultura. Fica evidente que não há povo sem uma história, um estilo de vida comum, um projeto de ação futura comum, apesar da diversidade e pluralidade das pessoas reunidas. Por isso, Scannone (2019) apresenta o conceito de povo sempre como algo dinâmico e em movimento. O povo está, e precisa estar, em constante construção no percorrer dos tempos.

Dessa maneira, o papa Francisco apresenta quatro princípios a serem desenvolvidos para que aconteça a construção de um povo, essa constante estruturação. Esses princípios estão pautados nos elementos fundamentais da Doutrina Social da Igreja, assim como nos seus estudos de Romano Guardini, a saber: O tempo é superior ao espaço; A unidade prevalece sobre o conflito; A realidade é mais importante que a ideia; O todo é superior à parte. Esses conceitos foram desenvolvendo-

se no decorrer da vida eclesial de Francisco e apresentados de modo mais maduro, como plano de pontificado, na exortação apostólica EG 217-235.

O primeiro princípio apresentado já demonstra uma quebra de paradigmas contemporâneos onde o tempo é sempre tratado com ansiedade e pressa, com projetos sempre a curto prazo. Diante dessa bipolaridade, tensão, entre infinito e finito, plenitude e limite, a proposta é dar primazia ao tempo no lugar do espaço. Isso significa uma cura para a obsessão de resultados imediatos e prontos, não amadurecidos. O tempo é tratado, aqui, como um horizonte aberto para a esperança, um futuro positivo e pleno como fim último. Entretanto, essa realidade se esbarra aos limites humanos de vida, de estruturas do presente, de acontecimentos que impedem de alcançar esse fim último e pleno. Assim comenta Scannone (2019, p.262):

De fato, quem pretende “resolver tudo no momento presente” procura por isso mesmo “tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação”. Por outro lado, “dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços”. Porque “trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que se desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Em resumo, ao esforço por ocupar espaços para possuir e controlar se opõe o fato de pôr em movimento dinamismos históricos nos quais outros intervenham e que precisam, portanto, de tempo.

Pensar esse princípio requer uma mudança de atitude muito profunda, demonstra um caminho a ser meditado e refletido, um caminho de amadurecimento para as autoridades e lideranças a fim de valorizar a construção do povo em seu desenvolvimento e não a posse de honras e autoafirmações por seus feitos. Iniciar processos é um conceito que sempre está em voga na boca de Francisco, isso indica não ter medo do tempo, daquilo que é a longo prazo, e ao mesmo tempo indica não possuir o processo, não ser o dono, e sim fazer parte dele, ser instrumento no meio do todo que é o mais importante. Quantas vezes se propõe ações que dizem daquele momento, mas que no futuro já não respondem ao pensamento do povo, e por isso a importância de não dominar o processo, iniciá-lo e permitir que se desenvolva no tempo.

O segundo princípio para promover e construir o povo parte da busca pela paz social, a unidade que prevalece sobre o conflito. E, nesse elemento, nota-se um grande realismo por que leva em conta os conflitos e nega uma existência simplesmente harmônica e sem diferenças. Entretanto, diante dos conflitos não se deve tomar a atitude de ignorá-los ou dissimulá-los, nem mesmo a atitude de assumi-los para si tornando-se

prisioneiros da situação. O papa propõe um outro movimento que “trata-se de aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo” (EG 227). A primeira parte do processo é pacificar o próprio coração, encontrar a paz dentro de si, o que gera a atitude de suportar o sofrimento aos moldes de Jesus que a acolheu e superou em si mesmo. Tudo começa com a aceitação do processo de conflito, eles existem e sempre irão existir por causa das diferenças humanas.

Para resolver os conflitos o papa apresenta três caminhos. Ter a dignidade humana como pressuposto é o primeiro caminho, já que o diferente, o “inimigo”, também tem sua dignidade como pessoa, seu valor. Essa forma de ver o mundo procura uma formação comunitária em meio às diferenças, expressa na figura de um poliedro com suas diferenças, mas em unidade, sem uniformidade (EG 236). Outro caminho é não absolutizar sua posição e nem tornar a posição do outro como diabólica, mas buscar a comunhão nas diferenças, “a resolução num plano superior que conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste” (EG 228). Por fim, transformar o conflito em um elo de novo processo para o bem de todos.

Scannone (2019, p.267) afirma comentando esse trecho:

O método é o diálogo, por doloroso que seja, porque os adversários devem renunciar a se autoabsolutizar ou a fetichizar ideologicamente a sua própria posição, a fim de reconhecer a verdade parcial do outro, porque “até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros, têm algo a oferecer que não se deve perder” (EG 236). Compreende-se que Francisco dê tanta importância à “cultura do encontro”.

Percebe-se que essas propostas do papa são um caminho de conversão pessoal, à princípio, para assim um pressuposto de ação comunitária. Reconhecer o conflito como algo próprio da vida humana, acolher esse processo de diálogo com o “inimigo”, o diferente, e ainda valorizar sua posição a fim de harmonizar em uma ação comum gera um povo, valoriza as diferenças, cura os corações de seus egoísmos e individualismos. A unidade em meio às diversidades deve ser a primazia do cristão, esse diálogo com o pressuposto de que o outro também tem seu valor e dignidade, além de acreditar que o diferente pode sempre acrescentar algo, traz novas perspectivas para a vida.

Para o papa, a realidade é mais importante que a ideia e afirma que “este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento” (EG 233). Esse terceiro princípio é auto explicativo e muito claro, ainda mais quando se trata de uma teologia latino americana. Para ele, a ideia tem grande risco de tornar-se ideologia se está

desligada da realidade, além de não ter eficácia, de não tocar a existência e não cumprir sua função por que não será captada pelo povo. Supervalorizar a ideia tem como característica o abstrato, o formal, o anti-histórico, o que se opõe a realidade, a prática, a existência. Levar em conta o conceito do é sem levar em conta o como ou o processual, é perceber um caminho parcial, não completo. O papa complementa que “o critério da realidade numa palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se é essencial à evangelização” (EG 233).

Por fim, pensa-se sempre em valorizar o todo em detrimento das partes. Aqui o princípio está ligado a oposição entre globalização e localização, o papa não nega a globalização mas a põe em equilíbrio com a localidade, pois critica os dois extremos. Por um lado, aqueles que não se deixam interpelar pelo novo, pelo diverso, que se preocupam sempre em preservar a ideia de museu, de estático. Por outro lado, aqueles que estão situados num universalismo, no abstrato, na imitação dos planos gerais prontos, não têm os pés no chão e sim sempre nas ideias universais e por isso vivem isolados. O todo está acima das partes ou à simples soma das partes porque é preciso sempre olhar para o bem maior, o benefício maior de todos que se abre sempre a novidade, ao movimento, sem deixar o aqui existencial. Volta a figura do poliedro que não perde o todo e nem a singularidade de suas partes, é uma busca pelo que está acima, sempre buscando a unidade em meio às diferenças. Percebe-se, também, que um princípio está intimamente ligado ao outro gerando diálogo e relação entre eles.

Em meio às tensões, as polaridades, os princípios de Francisco buscam o diálogo e o equilíbrio mas mesmo assim não podem ser confundidos com um hegelianismo, de fusão de teses e antíteses, como explicita Scannone (2019, p.273):

aí se vê de novo como a dialética das oposições polares de Guardini chegam a um resultado muito diferente da dialética da contradição hegeliana ou da luta marxista de classes; aqui o conflito está subordinado a uma unidade superior que respeita a diversidade original de cada parte, sem se reduzir, no entanto, a uma simples soma dessas partes, como um individualismo liberal.

Assim fica claro o pensamento e a proposta de Francisco para a construção de um povo, do mesmo modo evidente que essa proposta se inicia com uma chama à conversão pessoal por princípio. Sem a adesão pessoal, não haverá a adesão comunitária e o desenvolvimento do objetivo comum. São princípios que devem ser

meditados e postos em prática como roteiros de vida, assim como também são critério para julgar as condições de povo e discernir a respeito desses.

Outra característica da Teologia do Povo reforçada na *Evangelii Gaudium* é a valorização da piedade popular, uma “mística popular”. A Exortação EG 90 afirma:

suas formas próprias são encarnadas, porque brotam da encarnação da fé numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas.

Daí nasce uma fé nova, uma evangelização enraizada que gera amadurecimento comunitário, construção do povo de Deus em suas características peculiares cujo protagonista é sempre a ação do Espírito Santo, o Santificador. Essa mística popular é igualmente rica em suas expressões de fé porque se exprime em símbolos, muito mais do que pelo uso da razão instrumental e sistemática. O Papa reafirma o conceito de Tomás usado por Lucio Gera (pai da teologia do povo) dizendo que só através da conaturalidade afetiva que se pode apreciar a vida teologal na piedade popular, sem essa não há o amor e a admiração de tal (EG 125).

Essas expressões populares são realmente um lugar teológico no qual se deve prestar atenção, e evidenciá-los pastoralmente. Tudo isso é percebido em seu magistério assim como em sua própria história na Argentina ou até mesmo em meio a realidade brasileira de novas comunidades, movimentos espirituais, piedades e devoções populares tão expressas em peregrinações ou mesmo pelas mídias sociais, são rosários, visitas à santuários, novenas, padroeiros entre outros. Tal importância e valorização é algo evidente. Não há como perceber o catolicismo latino americano sem essas manifestações de fé tão diversas, mas que ao mesmo tempo dizem profundamente do povo de Deus.

Em consonância, aparece a opção preferencial pelos pobres porque são esses os portadores da piedade popular, são eles os detentores e propagadores dos movimentos espirituais de modo mais acentuado. São os pobres em sua categoria geral, não meramente financeira, mas pobres em saúde, excluídos, marginalizados, idosos, crianças etc. O papa afirma na EG 198: “Eles têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo Sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar”. Não é somente uma luta pelo pobre,

mas também uma evangelização profunda das estruturas sociais assim como apresenta a DSI.

Ao tratar desses temas o conceito chave é o da encarnação, ou traduzido pela inculturação do evangelho, a todo tempo percebe-se que as propostas de Francisco giram em torno disso. Não se pode matar a sede de Deus com um Jesus sem carne, sem compromisso com o outro, ou uma proposta alienante, irreal (cf. EG 89). Sua preocupação está com um olhar sempre pneumatológico e teológico acima de tudo, como evidencia-se em EG 68:

Um olhar de fé sobre a realidade não pode deixar de reconhecer o que semeia o Espírito Santo. Significa não ter confiança na sua ação livre e generosa pensar que não existem autênticos valores cristãos, onde uma grande parte da população recebeu o Batismo e exprime de variadas maneiras a sua fé e solidariedade fraterna.

Essa ideia é genuinamente usada a partir do Documento de Puebla que reconhece nessa expressão popular mais que “sementes do Verbo” e sim frutos do Verbo inculturado, encarnado no povo. Obviamente não se trata de qualquer expressão religiosa ou de qualquer manifestação popular, e sim de onde o Evangelho está encarnado no povo de Deus, povo vivo, praticante e participante da fé. Um caso sempre de discernimento e observação por parte da Igreja. Assim, cada cultura que recebe o Evangelho gera uma nova face da ação do Espírito, novos aspectos da Revelação, um novo rosto da Igreja mais adaptada àquela realidade.

É necessário reconhecer um movimento multiforme da graça a partir da ação renovadora do Espírito. O fato é que a mensagem evangélica não se determina por uma cultura exclusiva, mas possui um conteúdo transcultural (cf. EG 117). Seria um erro uniformizar ou estipular tal cultura como modelo para todos (grega, germânica, romana etc), pois em cada povo há seu próprio modo de acolher o Evangelho e expressar-se. Existe uma pluralidade cultural que se demonstra mais uma vez na figura do poliedro, já explicada anteriormente. A Igreja vive nessa tensão de abertura ao novo movimento do Espírito nos povos com a conservação de seus valores evangélicos, mas não pode fechar-se ao passado sem a dinâmica da atualização. Desse modo, o Papa Francisco tem atuado, segundo esses princípios da teologia do Povo.

3.3 Os sínodos como expressão de uma compreensão papal acerca da Igreja

Todo o trabalho teológico, desse método, seria vão se não fosse posto em prática por parte de seus pesquisadores e promotores, desse modo o papa Francisco demonstra sua execução através de diversos modos e atitudes. Contudo, fica evidente essa atuação nos sínodos propostos pela Igreja em seu pontificado. Comentar-se-á esse aspecto que elucida a Teologia do Povo em ação.

A princípio é preciso entender o que é a proposta sinodal e perceber que essa já era uma prática da Igreja em seu percurso histórico. A Comissão Teológica Internacional lançou um documento em 2018, chamado “A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja”. Seu objetivo é explicar e orientar as práticas desse movimento eclesial. O conceito de sínodo está expresso pela Comissão (2018, n.4-5) desse modo:

são designadas com a palavra “sínodo” as assembleias eclesiais convocadas em vários níveis (diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal) para discernir, à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais que aos poucos se apresentam [...] Na Igreja Católica a distinção no uso das palavras “concílio” e “sínodo” é recente [...] Na literatura teológica, canonística e pastoral dos últimos decênios surgiu o uso de um substantivo criado recentemente, “sinodalidade”, correlato do adjetivo “sinodal”, ambos derivados da palavra “sínodo”. Fala-se, assim, da sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja e *tout court* de “Igreja sinodal”.

O documento explica que o conceito de sinodalidade está referente a reunião de todo o povo de Deus a fim de um propósito de discernimento, assim como nos inícios da Igreja, enquanto expressa o conceito de colegialidade referente aos bispos reunidos a serviço da Igreja (cf n.7). E acrescenta que toda sinodalidade exige o exercício do colegiado dos bispos, o que traz segurança para a fé. A comissão ressalta a posição do papa Francisco (2018, n. 9):

Em conformidade com o ensinamento da *Lumen Gentium*, o Papa Francisco salienta particularmente que a sinodalidade “nos oferece o quadro interpretativo mais apropriado para compreender o próprio ministério hierárquico” e que, com base na doutrina do *sensus fidei fidelium*, todos os membros da Igreja são sujeitos ativos de evangelização. Disso, resulta que a colocação em prática da Igreja sinodal é pressuposto indispensável para um novo ardor missionário que comprometa todo o povo de Deus.

A primeira representação bíblica de sinodalidade é apontada, pela Comissão, através de Moisés (Nm 12; 15-16; Js 8, 30-35), e de tantos outros até chegar em Cristo como manifestação da Trindade e, por conseguinte, os próprios Apóstolos reunidos em seu nome. O livro dos Atos dos Apóstolos demonstra de modo mais evidente a proposta sinodal quando trata de assuntos como a circuncisão dos pagãos, a escolha dos diáconos, a evangelização de novos lugares e assim por diante. Essa atitude continuou a ser vivida nos padres da Igreja, como no exemplo de Inácio de Antioquia em sua carta à comunidade de Éfeso, ou nos concílios que foram essenciais para resolver os problemas que surgiam a partir das heresias (Nicéia 325, Constantinopla I 381, Calcedônia 451 ...).

É interessante notar que as práticas sinodais foram conservadas na Igreja Ortodoxa com regularidade, diferentemente da Igreja Romana, afirma a Comissão (n.31). Na tradição da Igreja, os sínodos foram sendo transformados em algo eclesial hierárquico, com envolvimento de reis por um período e depois somente de autoridades monásticas e religiosas até o Concílio Vaticano II que, na LG, traça os pressupostos teológicos para a retomada dos sínodos (n.40). De modo breve, percebe-se a atitude de Francisco em consonância com a história da Igreja e a retomada de sua tradição. Desse modo, o papa procura afirmar e concretizar o trabalho sinodal.

A partir do papa Francisco, o processo sinodal ocorre em etapas: a começar pela escuta do povo de Deus em diversos âmbitos (paroquial, diocesano, arquidiocesano) através de formulários, por conseguinte as conferências episcopais e depois continentais, até que por fim encontram-se os resultados na Igreja universal. Em seguida é formulado um documento com as resoluções do assunto (*Lineamenta*). Este será discutido em assembleias com os chamados Padres sinodais. Assim percebe-se o processo de escuta e colegialidade, do local para o universal, em etapas, até que no decorrer do tempo o conteúdo seja uma resposta madura para tal realidade discutida.

Os Padres sinodais entregam ao papa um documento final (*instrumentum laboris*). Este contém o maior número possível de teses discutidas e aprovadas nas assembleias. Entretanto, trata-se de um documento que não determina a ação do papa, posto que, o sínodo não é deliberativo, apenas consultivo. O santo padre realiza um discernimento sobre tais teses e formula seu documento final em modo de Exortação Apostólica pós-sinodal. Este documento retorna em forma de diretrizes para os âmbitos locais conforme as problemáticas que foram levantadas, tornam-se respostas, sendo então aplicadas.

Por exemplo, *Amoris laetitia* (2015) é uma Exortação Apostólica pós-sinodal fruto da participação de homens e mulheres, religiosos(as), clérigos, na construção de uma reflexão sobre a família. Esta exortação, com efeito, foi o resultado do primeiro sínodo a ser contemplado no magistério de Francisco, tendo o nome de “A missão e a vocação da família na Igreja e no mundo contemporâneo”. A Assembleia Geral teve a participação e escuta de casais enriquecendo o pensamento sobre as realidades próprias de sua vocação e missão. Isso denota uma novidade para a Igreja, o papa Francisco convidou para o sínodo dos bispos não apenas bispos. Essa realidade demonstra a aplicação do conceito de *sensus fidei fidelium* proposto pela Teologia do Povo, que marca a abertura para a escuta e diálogo com os leigos, pois a verdade não está contida somente na hierarquia eclesial.

O documento reflete diversos temas próprios como a realidade da sociedade, a viuvez, as crianças e idosos, realidades políticas e financeiras entre outras. Em seu discurso conclusivo, o papa demonstra suas raízes e sua abertura em viés de diálogo, mas ao mesmo tempo de conservação da fé (2015):

vimos também – sem entrar nas questões dogmáticas, bem definidas pelo Magistério da Igreja – que aquilo que parece normal para um bispo de um continente, pode resultar estranho, quase um escândalo – quase! –, para o bispo doutro continente; aquilo que se considera violação de um direito numa sociedade, pode ser preceito óbvio e intocável noutra; aquilo que para alguns é liberdade de consciência, para outros pode ser só confusão. Na realidade, as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral – como disse, as questões dogmáticas bem definidas pelo Magistério da Igreja – cada princípio geral, se quiser ser observado e aplicado, precisa de ser inculturado. O Sínodo de 1985, que comemorava o vigésimo aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, falou da *inculturação* como da «íntima transformação dos autênticos valores culturais mediante a integração no cristianismo e a encarnação do cristianismo nas várias culturas humanas». A *inculturação* não debilita os valores verdadeiros, mas demonstra a sua verdadeira força e a sua autenticidade, já que eles adaptam-se sem se alterar, antes transformam pacífica e gradualmente as várias culturas.

Outro momento importante para o tema sinodal deu-se na XV Assembleia Geral dos Bispos com o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, que foi concluída com seu texto final em 27 de Outubro de 2018. Dessa vez, o papa e os bispos reunidos em sinodalidade ouviram diversos jovens e refletiram temas nesse campo como a identidade do jovem, as dificuldades relacionadas ao mundo atual, a arte, a missão juvenil, a sexualidade e outros. Eles foram ouvidos não somente por meio de questionários, mas também participaram ativamente na assembleia (ainda que sem

direito a voto). O documento final da XV Assembleia (2018) expressa de modo claro a linda experiência vivida:

Caminhamos juntos, com o sucessor de Pedro, que nos confirmou na fé e nos fortaleceu no entusiasmo da missão. Não obstante tenhamos vindo de contextos muito diferentes do ponto de vista cultural e eclesial, sentimos desde o início uma sintonia espiritual, um desejo de diálogo e uma verdadeira empatia. Trabalhamos juntos, compartilhando aquilo que era mais importante para nós, dando a conhecer as nossas preocupações, sem esconder as nossas dificuldades. Muitas intervenções geraram em nós emoção e compaixão evangélica: sentimo-nos um único corpo que sofre e rejubila. Queremos partilhar com todos a experiência de graça que vivemos e transmitir a alegria do Evangelho às nossas Igrejas e ao mundo inteiro. A presença dos jovens representou uma novidade: através deles, no Sínodo ressoou a voz duma geração inteira. Caminhando com eles, peregrinos junto do túmulo de Pedro, experimentamos como a proximidade cria as condições para que a Igreja seja espaço de diálogo e testemunho de fraternidade que fascina. A força desta experiência ultrapassa qualquer dificuldade e fraqueza. O Senhor continua a repetir-nos: Não temais, Eu estou convosco!

Foram dois anos de escuta e discernimento à luz da Palavra de Deus, os discípulos de Emaús, que geraram esse fruto. O jovem tende a ser ignorado e deixado de lado em nossa sociedade, entretanto a Igreja faz um movimento avesso colocando-os para serem ouvidos e pensando direcionamentos pastorais para eles. Assim como citado acima, os bispos também puderam perceber a importância desse evento e demonstraram uma bonita experiência de escuta que os enriqueceu de modo geral.

O papa, em seu discurso conclusivo do sínodo (2018), reforçou a ação do Espírito Santo assim como a necessidade de pôr em prática o que fora refletido, unido ao pensamento de sua teologia do Povo:

Duas coisinhas que me estão a peito. Primeira: afirmar mais uma vez que o Sínodo não é um Parlamento. É um espaço protegido para que o Espírito Santo possa agir. Por isso, as informações que se dão são gerais e não são as coisas mais particulares, os nomes, o modo de dizer as coisas, com que o Espírito Santo trabalha em nós. E este foi um espaço protegido. Não esqueçamos isto: foi o Espírito quem trabalhou aqui. Segunda coisa, como eu disse no início, o resultado do Sínodo não é um documento. Estamos cheios de documentos. Não sei se este documento terá algum efeito fora, não sei. Mas sei com certeza que ele deve tê-lo em nós, deve agir em nós. Nós fizemos o documento, a comissão; fomos nós que o estudamos e que o aprovamos. Agora, o Espírito oferece-nos o documento para que trabalhe no nosso coração.

Nesse trecho fica claro o pensamento do papa sobre o sínodo e sua força de ação pastoral. Parece que o mais importante seja a metodologia da escuta e diálogo para a eficácia da evangelização do que propriamente a determinação a partir de algum documento. O sínodo é importante para a vida eclesial pois dá respostas aos desafios atuais, entretanto isso só é possível quando realizado de maneira participativa. Os bispos devem aprender esse método a fim de reproduzi-lo em suas comunidades locais, criando empatia com o seu povo, e tomando consciência de que respostas mais adequadas surgirão a partir desse movimento.

Em contrapartida aos temas mais universais, pode-se apresentar temas mais peculiares. A saber, existem os sínodos Ordinários (convocados a cada três anos), Extraordinários (conforme o desejo do Santo Padre), e por fim a modalidade de Sínodo Especial. Neste sentido, recentemente Francisco convocou o Sínodo para as regiões Panamazônicas (2019) que apresenta um caráter mais local, e latino americano. O tema proposto foi: “Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia integral”. Neste sínodo, de modo particular, foi possível evidenciar questões locais como a necessidade da ordenação de mulheres e o verdadeiro papel delas na Igreja, ordenação de *virii probatii* (homens casados com autêntica liderança em suas comunidades) para o sacerdócio, assim como os próprios temas indígenas e relacionados à Casa comum (a natureza), tendo posições particulares que refletem em um pensamento geral. O *instrumentum laboris* apontou diretrizes e respostas para tais questões particulares, o que acaba refletindo nos mesmos posicionamentos, por vezes, discutidos de modo universal.

O documento foi finalizado em 2019, levando pouco mais de um ano em seu percurso. De modo extraordinário foram ouvidos bispos, missionários, leigos e até mesmo indígenas para tratar tais temas. Nota-se o próprio pontífice envolvido com o tema e participando das manifestações culturais, por exemplo usando peças representativamente indígenas. Segundo o documento, foram registradas a participação de mais de 87.000 pessoas. Em virtude do término do sínodo o Papa apontou para quatro dimensões em seu texto final (2019): cultural, ecológica, social e pastoral. Assim como reforçou a necessidade de um rito inculturado para os indígenas e de relatar de modo mais expressivo o papel da mulher.

Em 2020 lança a Exortação Apostólica Querida Amazônia e demonstra toda a sua preocupação através de quatro sonhos para essa realidade (2020, n.7):

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida. Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana. Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas. Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.

Os capítulos dessa exortação também são referidos pela palavra “sonho” demonstrando um desejo de melhora no âmbito social, cultural, ecológico e eclesial, uma esperança genuinamente cristã. Todos esses temas claramente são compostos pelas diretrizes da Teologia do Povo e demonstram toda a aplicabilidade do papa em sua ação pastoral. Outro ponto a ressaltar é o Sínodo da Sinodalidade que ocorreu em Roma a partir do ano de 2021, quando então o Santo Padre convocou esta assembleia que surpreendeu a todos com sua temática: “Por uma Igreja sinodal: Comunhão, Participação e Missão”.

Apesar do Sínodo dos Bispos acontecer desde Paulo VI, Francisco notou que havia certa frieza na realização desse evento, daí a necessidade de retomar o valor desse importante evento eclesial. De fato, é preciso aprofundar a natureza do que seja a sinodalidade a fim de se possa vivê-lo de maneira integral. Para tanto, avançando além dos convites, como outrora já lançados às famílias, jovens, indígenas panamazônicos, agora novamente Francisco convida representantes de todo o povo de Deus para atuar no Sínodo. Porém, tendo não somente oportunidade de escuta e fala, mas também direito de voto, demonstrando uma inovação eclesial. Esse direito concedido reforça novamente o conceito do *Sensus Fidei Fidelium* e a verdade por conaturalidade expressa pela sabedoria do povo de Deus.

Por isso, conclui-se que o papa procura viver e pôr em prática sua teologia assim como ela mesmo pede em seu método. Ao longo dos seus anos de pontificado observa-se uma crescente na aplicabilidade dos conceitos teológicos por trás dos atos do bispo de Roma. Francisco entende que “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”, conforme o discurso em comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos (2015). Fica exposta a grande necessidade de sinodalidade para escutar realidades distantes da cúria romana, assim como realidades particulares que revelam respostas universais. A Igreja é composta

desses grupos particulares e por isso deve dedicar-se a eles, não somente aos mais gerais, até porque os problemas e as esperanças parecem advir desses pequenos grupos.

CONCLUSÃO

Todo o trabalho exposto demonstra as diferenças metodológicas e por conseguinte as diversas formas de fazer teologia, universal ou particular, dedutiva ou indutiva, entre tantas outras. Cada teologia está intimamente ligada ao seu período histórico e ao contexto de seu autor, ou até mesmo uma negação desse processo. Dessa maneira a ciência teológica continua a desenvolver-se, porém não poderia assumir para si uma postura de única portadora da verdade, como notou-se no texto em referência a sabedoria popular e outras formas de conhecimento.

Em consonância, reconhecer outros modos de verdade/revelação não diminui a importância da teologia, mas a situa em seu lugar essencial. Outro quesito dentro desse texto é perceber que o teólogo não é somente o acadêmico, pode ser um analfabeto por exemplo, ou até mesmo um povo todo, um grupo, obviamente tratando-se de teologia como conhecimento de Deus e de que a sistemática metodológica também deve ser traduzida e usada pelos acadêmicos, mas cada um com sua contribuição e sem negar a outra parte. Eis o desafio.

Assim, A Teologia do Povo aparece como um novo método diante dos ramos da Teologia da Libertação, ou melhor “teologias da libertação”. Entretanto, assumiu um viés avesso ao marxismo tendo um novo caminho. É um método que valoriza a cultura, e as

culturas de modo geral. Incentiva a formulação de novas teologias a partir de suas particularidades para a contribuição universal. Desse modo, abarca todos os argumentos já apresentados acima. Nota-se nessa teologia um incentivo de métodos, incentivo de novidades próprias do Espírito, sem prender-se a academia mas em uma abordagem integral.

É uma teologia tipicamente latino americana, particularmente continental no contexto da Argentina, mas que pode e contribui muito com as preocupações universais tendo esse objetivo. Essa afirmação está intimamente comprovada e apresentada através do Papa Francisco e seu magistério atual, sua postura, palestras, propostas sinodais. O Papa a elevou e colocou-a em um patamar novo dentro da Igreja.

Conhecer e estudar a Teologia do povo pode contribuir para a pastoral de cada cristão evangelizador, além de entender melhor as propostas da Igreja atual e do magistério de Francisco, por isso tão necessária na atualidade. Percebe-se que é um ramo pouco conhecido e desbravado, mas que deve ser cada dia mais aprofundado pelos seus contributos como já tem sido apresentado. Estudar a Teologia do Povo é receber uma ferramenta atual e processual, não final ou conclusiva, mas processual no qual pode-se somar com tantas outras e enriquecer-se. É um verdadeiro método pastoral

porém nasce de uma proposta de conversão pessoal e comunitária, a necessidade contemporânea de viver em comunidade e formar um povo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo. **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Loyola, 1996.

AQUINO, Tomás. **Summa contra Gentiles**, I.I, cap. 5. São Paulo: Ecclesiae, 2017

ARMATO, Alessandro. A teologia do Povo: Entrevista com Juan Carlos Scannone. Tradução de .Moisés Sbardelotto. **Ihu.unisinos**, 22 jul. 2013. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/171-noticias/noticias-2013/522076-a-teologia-do-povo-entrevista-com-juan-carlos-scannone>. Acesso em 10 out. 2024.

ATANÁSIO. **Patrística**: Sermão sobre a Encarnação do Verbo. São Paulo: Paulus, 2014. v. 18 (Coleção Encarnação do Verbo).

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BIOGRAFIA DO SANTO PADRE FRANCISCO. 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>. Acesso em 10 out. 2024.

BOASSO, Fernando. **?Qué es la pastoral popular?**. Buenos Aires: Patria Grande, 1974.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Clodovis. Agente pastoral e povo. **Revista eclesialística brasileira**, v. 40, n. p. 216-242, jun. 1980.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Clodovis. Teologia. In: TAMAYO, Juan Jose. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus: 2018.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). São Paulo: Loyola, 2000.

CAVACA, Osmar. A Igreja, povo de Deus em comunhão – Lumen Gentium 1-59. In: ALMEIDA, João Carlos; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial (org.). **As janelas do Vaticano II**: A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida: Santuário, 2013.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja. **vatican.va**, 2 mar. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html. Acesso em: 16 out. 2024.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. Teologia hoje. **vatican.va**, 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20111129_teologia-oggi_po.html. Acesso em: 16 out. 2024.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA II. **Conclusões de Medellín**. 1968. São Paulo: Paulus, 2004. v. 8 (Documentos da Igreja).

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO IV. 1992. **Documentos da Igreja vol. 8**. SP: Paulus, 2004 v. 8 (Documentos da Igreja).

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO V. **Documento de Aparecida**. 2007. Brasília: CNBB; Paulus; Paulinas, 2008.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Mensagem final da V Conferência Geral aos Povos da América Latina e Caribe **Cnbb.org**., ano 56, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação. **vatican.va**, 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html. Acesso em: 16 out. 2024.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*. **vatican.va**, 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 16 out. 2024.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*. **vatican.va**, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 16 out. 2024.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *DEI VERBUM*. **vatican.va**, 18 nov. 1965. disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 16 out. 2024.

DECRETO *AD GENTES*. **vatican.va**, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 16 out. 2024.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FARIAS, Ademir. **Teologia Moral e América Latina**. São Paulo: Clube de Autores, 2020.

FISICHELLA, Rino. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Loyola, 2012.

FRANCISCO. Papa. Primeira saudação de Francisco. **vatican.va**, 13 mar. 2013. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 16 out. 2024.

FRANCISCO. Papa. Discurso em audiência do Papa Francisco com os jornalistas. **noticias.cancaonova**, 19 mar 2013 Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/na-integra-discurso-do-papa-francisco-aos-jornalistas/>. Acesso em: 16 out. 2024.

FRANCISCO. Papa. Discurso do Papa Francisco no final da Assembleia Sinodal. **vatican.va**, 26 out. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191026_chiusura-sinodo.html. Acesso em: 16 out. 2024.

FRANCISCO. Papa. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. **vatican.va**, 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 16 out. 2024.

FRANCISCO. Papa. Sínodo para a Família. Discurso do Papa Francisco na conclusão da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. **vatican.va**, 24 out. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151024_sinodo-conclusionione-lavori.html. Acesso em: 16 out. 2024.

FRANCISCO. Papa. Discurso de Conclusão da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. **vatican.va**, 27 out. 2018. disponível

em:https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181027_chiusura-lavori-sinodo.html. Acesso em: 16 out. 2024.

FRANCISCO. Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. **vatican.va**, 2 fev. 2020. disponível em: <
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 16 out. 2024.

FRANCISCO. Papa. Motu Proprio Ad theologiam promovendam. **vatican.va**, 01 nov. 2023. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/it/motu_proprio/documents/20231101-motu-proprio-ad-theologiam-promovendam.html. Acesso em: 16 out. 2024.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**. São Paulo: Loyola, 2000.

HAGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 1986.

JOÃO PAULO II. Discurso inaugural, seminário Palafoxiano de Puebla de los Angeles -. México, **vatican.va**, 28 jan. 1979. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam.html. Acesso em: 16 out. 2024.

JOÃO PAULO II. Carta aos bispos da conferência episcopal dos bispos do Brasil. **L'Osservatore Romano**, 20 abr. 1986.

JOÃO XXIII. Carta Apostólica: Ad dilectos. **vatican.va**, 8 dez. 1961. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/letters/1961/documents/hf_j-xxiii_let_19611208_ad-dilectos.html. Acesso em: 16 out. 2024.

JOÃO XXIII. **Discurso de abertura solene do SS. Concílio**. 11 out. 1962. **Vatican.va**, Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 16 out. 2024.

LEÃO XIII. Carta Apostólica *Cum diuturnum*. **vatican.va**, 25 dez. 1898. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/la/letters/documents/hf_l-xiii_let_18981225_cum-diuturnum.html. Acesso em: 16 out. 2024.

LIBANIO, J.B. **A volta à grande disciplina**. São Paulo: Loyola, 1983.

LIBANIO, J.B. **Conferências Gerais do episcopado latino-americano**. São Paulo: Paulus, 2007.

LIBANIO, J.B. **Introdução à Teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997. v. III.

Mensagem de despedida no Twitter oficial dos Jesuítas. disponível em: https://twitter.com/JesuitasARU/status/1199772129685835778?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1199772129685835778%7Ctwgr%5E0cb69c536d5cbcfbd15d1a9384935a9279c3dbcf%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.ihu.unisinos.br%2Fcategorias%2F594705-morre-o-jesuita-juan-carlos-scannone-um-dos-fundadores-da-teologia-do-povo-e-da-filosofia-da-libertacao > in Twitter 27/11/2019.

MIRANDA, M.F. **Igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2009.

O BRASÃO e Mote do Papa Francisco, Jorge Mario Bergoglio: miserando atque eligendo. 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2013/3/18/stemma-papa-francesco.html>. Acesso em 10 out. 2024

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAULO VI. Carta Encíclica *Populorum progressio*. **vatican.va**, 26 mar. 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 16 out. 2024.

PAULO VI.. Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*. **vatican.va**, 8 dez. 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 16 out. 2024.

PIO XI. Carta Encíclica *Quas Primas*. **vatican.va**, 11 dez. 1925. disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas.html. Acesso em: 16 out. 2024.

PIO XI. Carta Apostólica *Quamvis Nostra de actione catholica aptius promovenda*. **vatican.va**, 27 out. 1935. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/letters/documents/hf_p-xi_lett_19351027_quamvis-nostra.html. Acesso em: 16 out. 2024.

PRODANOV, C.; FREITAS, E.. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Feevale, 2013.

RAHNER, Karl. **Volksreligion**: Religion des Volkes. Stuttgart; Berlin; Mainz: Kohlhammer, 1979.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulus, 1989.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

REJON, Francisco Moreno. **Teologia moral a partir dos pobres**. São Paulo: Santuário, 1986.

SCANNONE, Juan Carlos. **Teologia do Povo**. SP: Paulinas, 2019.

SCANNONE, Juan Carlos. O meu aluno Bergoglio. Trad. Moisés Sbardelotto. **Ihu.unisinos**, 03 abr. 2013. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/noticias/518956-o-meu-aluno-bergoglio%20>. Acesso em: 16 out. 2024.

SCHRIJVER, Georges. **Liberation Theologies on Shifting Grounds**: A Clash of Socio-economic and Cultural Paradigms. Leuven: University Press/Peeters, 1998.

SEGUNDO, J. Luiz. **liberación de la teología**. Buenos Aires: Lohlé, 1974.

SESBOUÉ, Bernard.(org.). **História dos Dogmas**, Tomo 3. São Paulo: Ed.Loyola, 2013. Tomo 3.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SÍNODO DOS BISPOS Assembleia Especial para a Região Panamazônica. Documento Final: Amazônia, Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. **vatican.va**, 26 out. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazzonia_po.html. Acesso em: 16 set. 2024.

SÍNODO DOS BISPOS XIV Assembleia Geral Ordinária. Relatório final do sínodo dos bispos ao santo padre Francisco: A vocação e missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. **vatican.va**, 24 out. 2015. Disponível em : https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html#INTRODU%C3%87%C3%83O. Acesso em: 16 set. 2024.

SÍNODO DOS BISPOS XV Assembleia Geral Ordinária. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional Documento final. **vatican.va**, 27 out. 2018. disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html. Acesso em: 16 set. 2024.

SOUZA, Ney Antecedentes e evento histórico. *In*: ALMEIDA, João Carlos; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial (org.). **As janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida: Santuário, 2013.

TAMAYO, Juan. **Novo dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

TAMAYO, Juan. Teologia da libertação. *In*: TAMAYO, Juan Jose. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus: 2018.

TEMPLE, Mark; MONTEIRO, Sueli; LUJAN, Luciana. **Dicionário de idiomas**. Oxford Languages, 2010.

VIDAL, José. **Entrevista com Spadaro**. Trad. Evelyn Louise Zilch. Religião Digital, **ihu**, 12 maio 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/554812-o-papa-acredita-que-a-igreja-precisa-saber-que-nao-temos-todas-as-respostas-entrevista-com-antonio-spadaro>. Acesso em 10 out. 2024.

LISTA DE SIGLAS

AD	<i>Ad gentis</i>
CELAM	Conselho Episcopal Latino Americano
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COEPAL	Comissão Episcopal Pastoral
CVII	Concílio Vaticano II
DP	Documento de Puebla
DSI	Doutrina Social da Igreja
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>